



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

"Entre Muros e Ruas" - uma narrativa *transmedia* da Linha de Sintra

Ana Filipa Almeida Fernandes

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

"Entre Muros e Ruas" - uma narrativa *transmedia* da Linha de Sintra

Ana Filipa Almeida Fernandes

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a quem de alguma forma ao longo dos anos ajudou a moldar o meu percurso académico.

À minha família - mãe, irmãos, avó e Carlos - cuja compreensão e incentivo constantes foram um dos alicerces emocionais para superar todos os desafios que a vida académica me trouxe.

Obrigada aos amigos que o ISCTE me deu, Conceição, Inês e André, que fizeram parte deste percurso desde o primeiro dia e que são três pessoas fantásticas e os amigos que nunca esperei encontrar com 24 anos.

Obrigada aos do costume por, apesar de não saberem sequer o que ando aqui a escrever, tornaram tudo mais fácil.

Ao meu namorado, João Galamba, que, apesar de não perceber nada do que aqui escrevo, me aturou durante meses e não deixou de me motivar no meio de tanto desesperado e dúvidas.

À Dínamo, por me proporcionar a oportunidade de conjugar a vida profissional com a académica e por todos os ensinamentos e experiências.

Por fim, um especial obrigada também ao meu orientador, o Professor Doutor Jorge Vieira, por me introduzir ao mundo *transmedia*, que com muito carinho abracei, pela confiança e por todo o apoio e paciência ao longo do último ano.

Resumo

Este projeto propõe o planeamento para a implementação do projeto *transmedia* “*Entre Muros e Ruas*”, dedicado à promoção de artistas da região de Sintra e ao fomento do diálogo entre as artes e a comunidade local. Parte da identificação da sub-representação e visibilidade insuficientes das práticas artísticas nos subúrbios de Sintra, um território marcado tanto pela diversidade cultural, como pela exclusão social e estigmatização. A operacionalização do projeto baseia-se na conceção de um documentário expandido em formato *transmedia*, tirando partido de múltiplas plataformas (documentário audiovisual, *website* interativo, redes sociais *online*, aplicação móvel com mapa interativo e eventos presenciais) com o objetivo de combinar narrativa, tecnologia e envolvimento das comunidades. O projeto visa não só documentar experiências culturais, mas também ativar o tecido artístico local, promovendo extensões que expandem e aprofundam a narrativa para além do ecrã. Ao fazê-lo, pretende contribuir para a construção de uma memória coletiva mais inclusiva e posicionamento da arte como um instrumento de transformação social e de resistência a discursos hegemónicos.

Palavras-chave: arte, comunicação, comunidade, identidade cultural, memória coletiva, narrativas visuais, *transmedia*.

Abstract

This project proposes the planning for the implementation of the transmedia project “Entre Muros e Ruas” (Between Walls and Streets), dedicated to promoting artists from the Sintra region and fostering dialogue between the arts and the local community. It stems from the identification of the underrepresentation and insufficient visibility of artistic practices in the suburbs of Sintra, a territory marked by both cultural diversity and social exclusion and stigmatization. The project's operationalization is based on the design of an expanded documentary in transmedia format, taking advantage of multiple platforms (audiovisual documentary, interactive website, online social networks, mobile application with interactive map and in-person events) with the aim of combining narrative, technology and community involvement. The project aims not only to document cultural experiences, but also to activate the local artistic fabric, promoting extensions that expand and deepen the narrative beyond the screen. In doing so, it aims to contribute to the construction of a more inclusive collective memory and to position art as an instrument of social transformation and resistance to hegemonic discourses.

Keywords: art, communication, community, cultural identity, visual narratives, collective memory, transmedia.

Índice de Figuras

Figura 1: Análise SWOT	7
Figura 2: Proposta de cartaz vertical do documentário "Entre Muros e Ruas"	21

Conteúdo

Agradecimentos.....	i
Resumo	iii
Abstract	v
CAPÍTULO 1.....	1
1.1 Introdução	1
1.2 Objetivos do projeto	3
1.2.1 Objetivo Geral	3
1.2.2 Objetivos Específicos	3
1.3 Sintra em perspetiva: uma contextualização territorial e identitária	4
CAPÍTULO 2.....	9
2.1 Narrativas <i>Transmedia</i>	9
2.2 Memória Coletiva	11
2.3 Periferia e a sua estigmatização.....	12
2.4 Representação da Comunidade	13
CAPÍTULO 3.....	19
3.1 Metodologia.....	19
3.2 Descrição do Projeto.....	20
3.3 Plano de Ação.....	25
3.3.1 Produção (e pós-produção)	25
3.3.2 Distribuição	27
CAPÍTULO 4.....	31
4.1 Recursos.....	31
4.1.1 Recursos Humanos	31
4.1.2 Recursos Tecnológicos.....	31
4.1.3 Recursos Financeiros.....	32
CAPÍTULO 5.....	33
5.1 Segmentação.....	33
5.1.1 A comunidade local - pessoas, artistas, organizações	33
5.1.2 Entusiastas nacionais e internacionais	33
5.1.3 A comunidade académica	33
5.1.4 A comunidade educativa	34
5.1.5 Os narradores	34
5.2 Impacto Esperado	35
CAPÍTULO 6.....	37
6.1 Proposta de instrumento de acompanhamento e avaliação do projeto	37

CAPÍTULO 7.....	39
7.1 Reflexões Finais.....	39
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos.....	43
Anexo A - Lista de artistas a serem entrevistados	43
Anexo B - Guião da entrevista ao artista Sepher AWK.....	44
Anexo C - Calendarização do projeto.....	45
Anexo D – Mapeamento de entidades locais relevantes	47
Anexo E - Orçamento do projeto	53
Anexo F - Cartaz horizontal do documentário “Entre Muros e Ruas”	54
Anexo G - Proposta de website do projeto “Entre Muros e Ruas”.....	55

CAPÍTULO 1

1.1 Introdução

A Linha de Sintra, território densamente povoado e marcado por fortes contrastes sociais e urbanísticos, acolhe uma diversidade cultural rica, porém muitas vezes invisibilizada. Apesar de ser reconhecida nacionalmente pelo seu património natural e histórico, grande parte da produção artística contemporânea da região, especialmente aquela que emerge das periferias urbanas, continua à margem da atenção mediática e institucional. Artistas enfrentam uma escassez de espaços de visibilidade, oportunidades de financiamento e reconhecimento, o que contribui para a exclusão simbólica e cultural das suas práticas, sendo um tema amplamente debatido em colóquios, entrevistas e rodas de conversa.

Segundo o Plano Municipal da Cultura no Concelho de Sintra¹, promovido pelo município, existe uma necessidade urgente de valorização dos agentes culturais locais e de criação de estruturas que articulem cultura, território e comunidade. A periferia de Lisboa, onde se insere a Linha de Sintra, é ainda frequentemente marcada por estigmas sociais e pela centralização cultural na capital, o que acentua as desigualdades de acesso e participação (Soares Neves et al., 2024).

A arte assume aqui um papel potencialmente transformador, como espaço de resistência, de expressão identitária e de diálogo social. A produção artística periférica, quando visibilizada e legitimada, contribui não apenas para a democratização cultural, mas também para o fortalecimento da coesão comunitária e para a construção de narrativas alternativas sobre os territórios onde se insere.

O problema identificado neste projeto é, por isso, a falta de representatividade e de valorização das práticas artísticas desenvolvidas por artistas locais da Linha de Sintra. Acresce a inexistência de uma plataforma integrada que une arte, território e comunidade, dando voz a quem produz cultura fora dos grandes centros institucionais. Perante esta realidade, o projeto apresenta-se como uma resposta criativa e estratégica à ausência de visibilidade das expressões artísticas locais e da periferia, propondo a criação de um documentário expandido em formato *transmedia* que integre múltiplas plataformas e linguagens. A pertinência desta proposta reside na sua capacidade de articular narrativa, tecnologia e participação comunitária, num processo que procura ao mesmo tempo documentar, divulgar e dinamizar o tecido artístico da região.

A criação de conteúdos acessíveis, interativos e distribuídos física e digitalmente é uma estratégia relevante num tempo em que o consumo e a mediação cultural se fazem, em grande

¹ Disponível em https://cm-sintra.pt/images/pdf/docs-cms/plano-cultura/Plano_Municipal_Cultura.pdf

parte, através de meios digitais. Ao promover o contacto entre artistas e públicos diversos, em formatos tanto presenciais como digitais, o projeto visa contribuir para a inclusão cultural, o envolvimento comunitário e o reconhecimento da arte como ferramenta de transformação social.

O projeto que se propõe insere-se na dinâmica contemporânea de produção de histórias alternativas e formação de novos padrões culturais, alinhando-se com Luana Loria (2016) e Stuart Hall (2013) sobre as periferias urbanas. Ao documentar e disseminar práticas artísticas e comunitárias de territórios periféricos como a Linha de Sintra, pretende-se contribuir também para a “subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação” referida na obra de Hall (2013), tal como citado em Loria, (2016, p.183), dando voz às narrativas e identidades que desafiam o imaginário hegemónico nacional. O projeto valoriza a descentralização e a construção coletiva da memória, incentivando novas formas de pensar e representar Portugal a partir das periferias, dos contextos diaspóricos e multiculturais que têm sido historicamente invisibilizados.

A escolha do espaço suburbano e periférico no cinema contemporâneo português representa, segundo Luana Loria (2016), uma intencionalidade crítica e desestruturativa. Este é visto como um “espaço alternativo, não convencional; lugar da alteridade ao qual se opõem os locais do imaginário nacional” (Loria, 2016, p. 176). Ao contrário do cinema nacional tradicional, focado nos centros urbanos ou em espaços rurais associados à portugalidade e às “narrativas-mestras” da identidade nacional, as produções que elegem a periferia como protagonista pretendem mostrar realidades e subjetividades que desafiam o discurso homogéneo e hegemónico sobre o país. A eleição de novos espaços e protagonistas no campo artístico português surge, portanto, como reflexo das transformações culturais e sociais vividas, dando lugar a novas identidades, novas estéticas e discursos de resistência e transformação.

Loria (2016) afirma que o multiculturalismo das periferias lisboetas surge como um fator central na transformação da identidade social e cultural do país. Loria destaca como estas se transformaram em zonas de encontro entre diferentes culturas, histórias e trajetórias que se cruzam e se confrontam, produzindo novas identidades e promovendo a fragmentação da “narrativa-mestra” nacional. É nestes territórios, marcados por uma forte presença de comunidades africanas, que se evidencia uma diversidade étnica e cultural crescente, diversidade essa que, ao mesmo tempo, contribuiativamente para as práticas artísticas locais.

Como sublinha a autora, estas periferias são palco de práticas artísticas e culturais que, para além de denunciarem fenómenos de exclusão e segregação, atuam como catalisadores de diálogo, integração e expressão (Loria, 2016, p. 182).

1.2 Objetivos do projeto

1.2.1 Objetivo Geral

Promover e valorizar a cultura local de Sintra através de um projeto *transmedia* (Jenkins, 2006) que expanda a compreensão sobre as práticas artísticas da região, envolvendo a comunidade e os artistas locais num processo de cocriação e reflexão sobre o papel social da arte, ao mesmo tempo que se explora a relação entre arte e comunidade nesta região.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Documentar as experiências culturais de artistas locais ao produzir um documentário intitulado “*Entre Muros e Ruas*”, que explore a relação entre arte e comunidade em Sintra, destacando as histórias pessoais e os processos criativos dos artistas, com foco na preservação da identidade cultural da região.

2. Disseminação do documentário.

2.1 Desenvolver extensões de narrativas digitais ao criar uma plataforma interativa (*website*) e uma estratégia de comunicação digital dinâmica nas redes sociais, com conteúdos que complementem a narrativa do documentário e incentivem a interação do público, como entrevistas completas, bastidores e materiais educativos sobre a história cultural de Sintra, permitindo um acesso contínuo e interativo à narrativa.

3. Criar um ambiente imersivo através da tecnologia com um mapa interativo de Sintra embutido numa aplicação móvel, que permita aos utilizadores explorar locais culturais e artísticos de forma autónoma e interativa, accedendo a conteúdos extras sobre as obras e os artistas.

4. Fomentar o envolvimento da comunidade através de eventos presenciais, como exposições, workshops e debates que promovam o encontro direto entre artistas e o público, fortalecendo os laços comunitários e incentivando a reflexão coletiva sobre o papel da arte no contexto local.

5. Expandir o impacto cultural do projeto ao criar uma rede de colaboração entre artistas locais e a comunidade, com a possibilidade de expansão do projeto para outras regiões e de incorporar novas formas narrativas e tecnológicas.

1.3 Sintra em perspetiva: uma contextualização territorial e identitária

Sintra, um município de grande relevância histórica e cultural, foi a primeira paisagem cultural a ser considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO (UNESCO, 2025). No entanto, apesar da sua rica história e património, a cena artística local, composta por um grupo vibrante de artistas emergentes, ainda enfrenta desafios significativos em termos de visibilidade e reconhecimento. Esta realidade tem levado muitos artistas a operar à margem dos grandes circuitos culturais e a ser, por vezes, invisíveis para o público local e, ainda mais, para uma audiência mais ampla. O mercado artístico local carece de espaços e plataformas que possam dar voz a esses artistas e, simultaneamente, promover uma maior interação entre a arte e a comunidade.

Apesar do dinamismo populacional e da enorme diversidade cultural, o investimento direto em cultura pelo município de Sintra é baixo, sobretudo quando comparado com o volume populacional e o potencial artístico local. Em 2023, segundo o Instituto Nacional de Estatística a despesa municipal em atividades culturais e criativas por habitante foi de apenas 20 euros, colocando Sintra entre os municípios portugueses com menor investimento per capita neste setor (2024).

Em 2025, o apoio financeiro atribuído no âmbito do Programa de Incentivo e Apoio às Artes Performativas (PIAP) rondou os 320 mil euros, distribuído por 13 associações, sendo muitas vezes considerado insuficiente para dinamizar projetos de média e grande escala e para assegurar a continuidade na programação artística e cultural. Mesmo com estes valores, é possível verificar que a cultura não é uma prioridade em Sintra. A percentagem do orçamento municipal dedicada à cultura em Sintra é residual, representando cerca de 4% do orçamento total nos últimos anos. Esta insuficiência reflete-se na programação dos espaços culturais, no alcance dos apoios à criação artística local e na falta de estruturas de continuidade para projetos inovadores, sobretudo focados em jovens e territórios periféricos (Câmara Municipal de Sintra, 2025).

Este projeto surge como uma resposta a essa lacuna, procurando não apenas documentar, mas também valorizar a cena artística de Sintra. Através de uma abordagem inovadora, que integra a transmediação como estratégia central, pretende-se proporcionar uma experiência imersiva que permita aos moradores de Sintra e ao público em geral explorar, de forma acessível e dinâmica, as múltiplas dimensões da arte local. A ideia central deste projeto é criar um ponto de contacto entre o público e os artistas locais, promovendo uma troca significativa que vai além da simples apreciação estética. Ao colocar a arte e os artistas em diálogo direto com a

comunidade, o projeto quer despertar um sentimento de pertença e orgulho local, ao mesmo tempo em que gera novos espaços de reflexão sobre o papel social da arte, especialmente em territórios periféricos.

Com base num processo de auscultação realizado por várias escolas básicas e secundárias do Concelho de Sintra foi possível perceber a opinião dos jovens relativamente à oferta cultural. Apesar da existência de vários espaços culturais em Sintra, como o Centro Cultural Olga Cadaval, a Casa da Cultura Lívio de Moraes, o Museu das Artes de Sintra ou vários outros auditórios municipais, a programação destes locais não representa de forma significativa a diversidade da comunidade local, em particular dos jovens. Para muitos, esta programação aparece desfasada dos seus interesses e é percecionada como pouco acessível ou distante da realidade social dos sintrenses.

É ainda importante salientar que Sintra é um dos municípios mais jovens do país, contando com cerca de 45 437 jovens entre os 14 e os 24 anos (PORDATA, 2024). No entanto, a oferta cultural não se adapta plenamente aos interesses, linguagens e necessidades de participação desta faixa etária, que procura espaços de experimentação, eventos colaborativos e projetos que refletem a sua identidade contemporânea. O resultado é uma fraca integração dos jovens nos circuitos culturais, perpetuando o sentimento de invisibilidade e a necessidade de iniciativas que reinventem a ligação entre arte, território e comunidade.

A transmediação, enquanto metodologia narrativa, é a chave para tornar esse processo mais acessível, interativo e inclusivo. Ao integrar diferentes plataformas digitais - como redes sociais, um *website* interativo e uma aplicação móvel - e eventos físicos - exposições, workshops e debates, o projeto não só documenta a produção artística local, como também permite que o público tenha múltiplos pontos de entrada na narrativa. O documentário será o núcleo central, mas expande-se para essas outras plataformas que permitirão uma exploração mais profunda e personalizada do conteúdo. Este formato também assegura que o público tenha a possibilidade de se envolver com o projeto de maneira contínua e dinâmica, sendo convidado a contribuir ativamente para a construção do conteúdo. Dessa forma, este mecanismo cria um elo entre a produção artística e a participação comunitária, permitindo uma experiência mais rica e diversificada. Através desta experiência *transmedia*, a proposta procura também recuperar a identidade cultural da periferia, reconhecendo os artistas como agentes centrais na construção da memória e da narrativa coletiva do território.

Além disso, o uso de tecnologias como mapas interativos e conteúdo exclusivo através de dispositivos móveis amplia o alcance do projeto, tornando-o acessível para diferentes públicos

e cria uma ponte entre o meio digital e o espaço físico de Sintra. O público poderá, por exemplo, aceder à aplicação móvel para explorar pontos culturais e artísticos específicos da cidade, enquanto acompanha os bastidores da produção do documentário nas redes sociais. Esta abordagem promove a continuidade do projeto, criando uma experiência fluída que integra as diversas dimensões da vida cultural de Sintra, ao mesmo tempo em que garante que a arte local não seja apenas vista, mas vivida.

O projeto, ao propor a criação de um documentário expandido em formato *transmedia*, responde diretamente ao desafio acima exposto. Ao registar, divulgar e articular as práticas artísticas locais em múltiplas plataformas, contribui para a “inscrição” destas experiências na memória coletiva da Linha de Sintra. Mais do que um simples registo, trata-se de um processo de valorização e legitimação das identidades culturais periféricas, que, ao serem documentadas, ganham força enquanto referências partilhadas.

Além disso, ao envolver a comunidade local no processo de cocriação e reflexão sobre o papel da arte, o projeto reforça o papel da memória coletiva como um fenómeno dinâmico e participativo. A documentação torna-se, assim, não apenas um instrumento de preservação, mas também de transformação social.

Esta estratégia é especialmente relevante num contexto em que, como sublinha o Plano Municipal da Cultura de Sintra, existe uma necessidade urgente de valorizar os agentes culturais locais e de criar estruturas que articulem cultura, território e comunidade.

Forças (Strengths)	Oportunidades (Opportunities)
<p>S1. Abordagem Transmedia Inovadora</p> <p>S2. Sintra é uma Paisagem Cultural classificada como Património Mundial pela UNESCO na Europa, conferindo enorme prestígio ao município e valor à sua identidade cultural;</p> <p>S3. Atividade artística vibrante composta por jovens e artistas emergentes, marcada pela diversidade cultural e potencial criativo local;</p> <p>S4. Existência de estruturas culturais reconhecidas (Olga Cadaval, Casa da Cultura Lívio de Moraes, Museu das Artes, auditórios municipais);</p> <p>S5. Sustentabilidade do arquivo digital assegurado pela Associação Dínamo</p> <p>S6. Equipa multidisciplinar e parceiros estratégicos</p>	<p>O1. Crescente reconhecimento da importância das práticas colaborativas, arte comunitária, memória coletiva e inovação transmedia no panorama cultural nacional e internacional.</p> <p>O2. Alinhamento com políticas públicas</p> <p>O3. Modelo de financiamento híbrido</p> <p>O4. Reforço da ligação entre territórios periféricos e agentes culturais como estratégia de legitimação das suas identidades e recuperação da memória local:</p> <p>O5. Lacuna na programação cultural local</p>

Fraquezas (Weaknesses)	Ameaças (Threats)
<p>W1. Baixo investimento municipal no setor da cultura;</p> <p>W2. Programação cultural dos espaços públicos pouco representativa da diversidade local;</p> <p>W3. Restrições orçamentais;</p> <p>W4. Complexidade da Coordenação Transmedia;</p> <p>W5. Estigmatização social da periferia</p>	<p>T1. Persiste o risco de invisibilidade dos artistas locais face ao peso do turismo e da programação cultural tradicional centrada nos monumentos históricos e centro da vila de Sintra;</p> <p>T2. Dependência do envolvimento do público</p> <p>T3. Possível dispersão ou baixa participação comunitária devido à percepção de distância e desfasamento dos espaços culturais em relação à realidade social dos sintrenses</p> <p>T4. Continuidade da insuficiência estrutural do investimento público, dificultando a programação artística regular e a sustentabilidade de iniciativas jovens e inovadoras.</p>

Fonte: elaboração própria.

Figura 1: Análise SWOT

A análise SWOT aprofunda os pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças do cenário cultural e artístico de Sintra, fornecendo um contexto estratégico para o desenvolvimento deste projeto documental e *transmedia*. Esta ferramenta estratégica resume as oportunidades e desafios encontrados durante a pesquisa, destacando a importância de desenvolver novas plataformas que incentivem a valorização da produção artística local, a inclusão dos jovens e o reconhecimento das identidades periféricas.

CAPÍTULO 2

2.1 Narrativas *Transmedia*

O atual panorama mediático caracteriza-se por uma crescente convergência de plataformas e formatos, resultando na integração de diversos meios de comunicação para a construção de experiências narrativas mais complexas e imersivas. A digitalização generalizada e o avanço tecnológico permitem que conteúdos circulem de forma mais fluída entre diferentes suportes, dissolvendo as barreiras anteriormente encontradas. A interação constante entre consumidores e criadores reforça a importância de estratégias narrativas que considerem a pluralidade de canais, tornando o consumo mediático uma experiência simultaneamente individual e coletiva. Paralelamente, verifica-se uma intensificação da segmentação de públicos, impulsionada pela personalização algorítmica e pela diversificação na produção de conteúdos. A adaptação das narrativas a diferentes plataformas e audiências resulta na difusão de pontos de entrada para diversas faixas etárias e interesses. Assim, o panorama mediático contemporâneo exige uma abordagem estratégica que valorize a coesão narrativa e a interação, refletindo uma transformação profunda na forma como histórias são concebidas, distribuídas e experienciadas pelos públicos.

O conceito de *Transmedia Storytelling*, representa uma abordagem narrativa inovadora que se desenvolve através de múltiplas plataformas de *media*, sendo cada uma delas responsável por contribuir de forma única e valiosa para a construção do universo narrativo. Segundo Henry Jenkins (2006), o *Transmedia Storytelling*, no seu formato ideal, distribui diferentes segmentos de uma história por diversos meios, como filmes, séries, romances, bandas desenhadas, jogos e atrações físicas, de modo que cada meio explore as suas potencialidades específicas, tal como citado em Gambarato, 2013, pp. 82. Jenkins (2007) define o conceito como “a process where integral elements of a fiction get dispersed systematically across multiple delivery channels for the purpose of creating a unified and coordinated entertainment experience. Ideally, each medium makes its own unique contribution to the unfolding of the story”. Carlos Scolari (2009, p. 587) reforça esta definição ao destacar que o conceito não deve ser confundido com a simples adaptação de conteúdo de um meio para outro, mas sim com a expansão narrativa integrada, onde cada plataforma acrescenta elementos novos e relevantes ao enredo. Gambarato (2013, p. 82) ele próprio, define *Transmedia Storytelling* como uma referência a “integrated media experiences that occur amongst a variety of platforms”, que contam uma história que se penetra e envolve o público. “It is not about offering the same content in different media platforms, but it is the worldbuilding experience, unfolding content and generating the possibilities for the

story to evolve with new and pertinent content. Regardless of all the effort to specify” (Gambarato, 2013, p. 82).

Conforme exemplificado por Gambarato (2013) e Scholari (2009), o conceito é frequentemente confundido ou sobreposto com outros conceitos que abordam narrativas distribuídas por várias plataformas. Esta multiplicidade de definições contribui para uma fragmentação teórica e dificulta a consolidação de uma definição clara e unificada. Diversos termos surgiram ao longo do tempo, como *intermedia* (Dick Higgins, 1966), *multimedia* (Bob Goldstein, 1966), *cross-media* (Paul Zazzera, 1999), multimodal discourse (Gunther Kress e Theo van Leeuwen, 2001), *superfictions* (Peter Hill, 2001), *media mix* (Mizuko Ito, 2005), *hybrid media* (Jak Boumans, 2004), *deep media* (Frank Rose, 2011) *multiple platforms* (Jeffery-Poulter, 2003), *intertextual commodity* (Marshall, 204) ou *transmedial worlds* (Klastrup & Tosca, 2004), tal como citado em Gambarato (2013, pp. 82-83) e Scolari (2009, pp. 587-588). Muitos destes conceitos partilham características com o conceito de *Transmedia Storytelling*, como a disseminação de conteúdos em diversas plataformas e a interação com o público, mas nem sempre enfatizam a construção narrativa integrada, essencial ao conceito que aqui se aborda. Podemos concluir que sem uma estrutura conceptual bem definida, o risco de dispersão e incoerência na aplicação prática do conceito aumenta, comprometendo a eficácia das narrativas distribuídas.

Uma das distinções essenciais no design de projetos *transmedia* reside na diferença entre adaptação e extensão. Enquanto a adaptação implica a transposição de uma narrativa existente para outro meio, muitas vezes sem inovação substancial e frequentemente redundante, a extensão envolve a criação de novos conteúdos que enriquecem e ampliam o universo narrativo (Jenkins, 2009A). Tal como citado em Gambarato (2013), Jenkins (2006) e Long (2007) defendem que a verdadeira narrativa *transmedia* evita adaptações redundantes, priorizando expansões que acrescentem novas camadas de significado e experiências.

Assim, o design de projetos *transmedia* exige uma abordagem estratégica que combine narrativa, plataformas tecnológicas e participação do público de forma integrada. A compreensão das distinções entre adaptação e extensão, interatividade e participação, bem como a aplicação das várias estratégias são elementos essenciais para o desenvolvimento de narrativas ricas e envolventes (Gambarato, 2013). Estas práticas não só ampliam o alcance da história, como também aprofundam a experiência do público, tornando-o parte do universo narrativo.

O *Transmedia Storytelling* permite criar múltiplos pontos de entrada para públicos distintos. As extensões narrativas podem desempenhar várias funções, como manter o interesse do público, aprofundar personagens ou expandir o mundo ficcional (Jenkins, 2007). Já o conceito de *additive comprehension*, definido por Neil Young, refere-se ao modo como cada novo conteúdo obriga o público a rever a sua compreensão global da narrativa (Jenkins, 2007).

2.2 Memória Coletiva

A noção de memória coletiva integra-se na era da inteligência coletiva, um conceito de Pierre Levy, ao incentivar a colaboração entre públicos na interpretação e partilha de informações dispersas. “Levy argues that art in an age of collective intelligence functions as a cultural attractor, drawing together like-minded individuals to form new knowledge communities. Transmedia narratives also function as textual activators - setting into motion the production, assessment, and archiving information” (Jenkins, 2007).

A documentação das práticas artísticas locais é fundamental para a preservação da memória coletiva e para a construção da identidade cultural de uma comunidade. Maurice Halbwachs, defende que a memória não é apenas individual, mas socialmente construída, sendo continuamente reconstruída a partir das relações e dos "quadros sociais", conceito que o autor introduz em 1925, que servem de referência comum para recordar e esquecer.

Na maioria das vezes, se me lembro, é porque os outros me incentivam a lembrar, porque suas memórias vêm em auxílio da minha, porque a minha se apoia na delas. [...] Nesse sentido, existe uma memória coletiva e estruturas sociais da memória, e é quando nosso pensamento individual se insere nessas estruturas e participa dessa memória que ele é capaz de se lembrar (Halbwachs, 2023, p.7).

Halbwachs explica que “the collective memory derives its force and constancy from its resting on a collectivity of people, nonetheless it is the individuals who, as members of groups, do the recollecting.” (Halbwachs 1967, p.31, tal como citado em Wetzel, 2020, p. 5). O autor destaca ainda que “the procedure of individual memory ‘is impossible without those instruments, which are formed through words and representations, and which the individual did not invent but borrowed from his milieu’” (Halbwachs 1967, p.35, tal como citado em Wetzel, 2020, p. 4).

Quando pensamos sobre o papel da memória coletiva, percebemos que esta só se mantém forte e constante porque está enraizada numa comunidade de pessoas, somos nós, enquanto membros desses grupos, que de facto recordamos e reconstruímos o passado. Contudo, esta

reconstrução não é idêntica para todos, cada experiência individual corresponde na verdade a uma perspetiva única sobre a memória coletiva, que se vai transformando conforme a posição que ocupamos e as relações que criamos com os ambientes dos outros. Ou seja, a forma como cada pessoa lembra o passado comum é influenciada pelas trocas sociais, pela pertença a diferentes subgrupos e pelo contexto partilhado.

Assim, documentar as práticas artísticas locais é essencial para garantir que todas estas referências culturais se mantenham vivas, pois a memória depende essencialmente da inserção em quadros sociais (Wetzel, 2020).

2.3 Periferia e a sua estigmatização

Na sua pesquisa, (Barata-Salgueiro, 2023), destaca que a periferia de Lisboa, e, por extensão, outras áreas urbanas, foi frequentemente associada a processos de marginalização e a uma imagem negativa, marcada por carências habitacionais, falta de planeamento e precariedade. A autora sublinha que o crescimento periférico da cidade foi, muitas vezes, considerado um problema a resolver. A obra também refere como a tradição urbanística portuguesa, durante décadas, reforçou esta visão negativa, contribuindo para a invisibilidade e desvalorização dos habitantes da periferia, apesar da sua contribuição significativa para a vitalidade social e económica das áreas metropolitanas. Entendendo-se “tradição urbanística portuguesa” como o foco nas mentalidades e práticas consolidadas do planeamento urbano que, durante décadas, privilegiaram o modelo formal da cidade, centrado no controlo estatal, na separação nítida entre centro e periferia e numa hierarquia espacial marcada por normas rígidas e valorização do centro em detrimento das margens. Para Barata-Salgueiro (2023), essa tradição urbanística orientou políticas públicas reativas, muitas vezes repressivas face aos fenómenos periféricos (como os bairros clandestinos), tratando-os apenas como um problema a resolver e não como uma expressão legítima das necessidades estruturais.

Segundo Tiaraju D’Andrea (2020), a periferia urbana deve ser entendida não apenas como um espaço de ausência e desigualdade, mas como um território em que surge uma consciência periférica fundamentada na vivência local das desigualdades e na ação coletiva, especialmente de grupos artísticos e culturais. O autor destaca, no âmbito da produção do espaço urbano, que a periferia se exprime fundamentalmente de uma desigualdade na distribuição da riqueza no espaço (D’Andrea, 2020, p. 25).

A compreensão do conceito de periferia exige uma abordagem que ultrapasse a simples ideia de um afastamento físico em relação ao centro urbano. Álvaro Domingues (1995)

aprofunda esta discussão ao sublinhar o carácter social e simbólico da periferia, denunciando a sua conformação histórica enquanto lugar a que se atribui um défice de pertença urbana, de reconhecimento e de legitimidade. Para o autor, a periferia é acima de tudo, uma construção social que espelha a separação do centro não tanto pela distância mensurável, mas pelas margens da cidadania urbana e pela falta de acesso ao chamado efeito urbano central.

Por outro lado, Armando Silva (2001) defende que, nas últimas décadas, a transformação das cidades levou a uma condição em que o urbano já não está limitado ao espaço físico ou territorial. O autor afirma que a urbanização diz agora respeito sobretudo a processos culturais, simbólicos e tecnológicos. Exemplos incluem sentimentos globais partilhados, como o medo ou as causas identitárias, que se manifestam para além das clássicas fronteiras. Nesse contexto, estudar os imaginários urbanos é perceber como as emoções coletivas, desejos e fantasias dos cidadãos se tornam reais e relevantes.

2.4 Representação da Comunidade

Armando Silva (2001) destaca que na América Latina emergiu uma verdadeira "paixão cultural por ser urbana", visível na riqueza e diversidade de movimentos sociais e artísticos que reivindicam o direito à cidade e à sua redefinição simbólica. Para o autor, esta mobilização coletiva expressa-se através de múltiplos grupos, do ativismo ecológico e feminista aos coletivos juvenis, culturais e LGBTQIA+, que procuram não só ocupar o espaço urbano, mas também reconstruir e afirmar identidades e pertenças suburbanas a partir das periferias e da criatividade quotidiana. Neste contexto, e podendo fazer o paralelo com a periferia da Linha de Sintra, a "cidade" deixa de ser vista apenas como cenário físico e estrutural para se tornar um espaço de invenção partilhada. Os cidadãos, artistas e novos líderes transformam a imaginação cultural numa ferramenta de resistência, atribuindo novos significados ao urbano e tornando a procura por reconhecimento e participação um traço central do viver coletivo.

Silva (2001) propõe uma leitura inovadora da simbologia urbana ao analisar o *graffiti* como um registo visual fundamental para compreender a cidade contemporânea. O autor destaca que o *graffiti*, marcado por valências como anonimato e espontaneidade, atua como uma inscrição subversiva que revela os conflitos, afetos e dinâmicas sociais. O fenômeno do *graffiti* ultrapassa a simples expressão artística, misturando linguagens e imagéticas e convertendo-se tanto num espelho da comunidade como numa resposta aos modelos institucionais existentes. Como afirma Bell Hooks, "Art constitutes one of the rare locations where acts of transcendence can take place and have a wide-ranging transformative impact" (1995, p. 8). Para Hooks (1995), a

arte não é apenas um veículo de expressão estética, ao afirmar que a arte pode causar um impacto duradouro, destaca o potencial da criação artística enquanto prática de transcendência pessoal e social, onde é possível produzir significados, promover empatia e transformar imaginários coletivos. Este entendimento enriquece qualquer reflexão sobre práticas culturais na periferia, mostrando que a arte feita nesses contextos não só resiste, mas também propõe novas possibilidades de existência e pertença. Neste contexto, o *graffiti*, uma das artes visuais mais comuns de representação da periferia, afirma-se como prática comunicativa e estética capaz de reinventar o espaço público, conferir identidade aos grupos urbanos e produzir uma “cidade-mescla e mestiça” através da ocupação dos muros. Na sua obra, Silva (2001, p.3-6) destaca ainda como o *graffiti* se contrapõe à publicidade, operando como ferramenta de infração, resistência e atribuição de sentido à vida urbana.

No contexto atual das periferias urbanas de Lisboa, manifesta-se de forma clara uma intenção coletiva de produzir narrativas alternativas e formar novos padrões culturais que desafiam e subvertem os modelos tradicionais. Tanto o cinema quanto a música têm desenvolvido espaços de expressão artística inovadores e críticos, funcionando como veículos de “subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação” (Hall, 2013, como citado em Loria, 2016, p. 182). Quando nos referimos ao espaço periférico da capital portuguesa, estamos a falar de territórios marcados não só pela distância física relativamente ao centro, mas também por problemáticas sociais. Stuart Hall (2006) é uma referência fundamental para esta discussão, sobretudo a propósito da diáspora, da reconfiguração das noções de nação e da formação de novas identidades. Tal como Hall analisa a diáspora caribenha no Reino Unido, é possível traçar um paralelo direto com as realidades migrantes, nomeadamente cabo-verdianas, angolanas, guineenses e moçambicanas, das periferias urbanas de Lisboa (Loria, 2016, p. 183).

No caso português, o cinema desempenhou historicamente um papel de construção e divulgação de uma identidade nacional, a chamada “portugalidade”, através de discursos e imagens que serviram de espelho à nação e às suas tradições (Baptista, 2008, tal como citado em Loria, 2016, p. 176). Contudo, verifica-se que a eleição do espaço suburbano no cinema contemporâneo nacional reflete a intenção de questionar criticamente a própria ideia de nação enquanto categoria unificadora que apaga diferentes identidades. Estes fenómenos são consequência direta de dinâmicas recentes, como a globalização e a imigração, que fazem emergir novas realidades nacionais marcadas pelo multiculturalismo, destabilizando valores identitários e simbólicos estabelecidos (Loria, 2016, p. 177). Importa reconhecer, contudo, que

estas periferias são também, e quase inevitavelmente, espaços de exclusão, segregação social e estigmatização, sobretudo dirigidas às comunidades negras e migrantes, frequentemente associadas, tanto nos discursos mediáticos como institucionais, à pobreza e à criminalidade (Barata Salgueiro, 2001, tal como citado em Loria, 2016, p. 181).

Por sua vez, o recente florescimento de práticas culturais e artísticas originadas e tematizadas pela periferia mostra-a como espaço de resistência, criatividade e produção de novas culturas, muitas vezes em confronto com o eurocentrismo ainda predominante no discurso nacional (Shoat & Stam, 2006, tal como citado em Loria, 2016, p. 181). No contexto da Linha de Sintra, este enquadramento teórico revela-se particularmente relevante. Trata-se de um território densamente povoado, marcado por contrastes sociais, onde a diversidade cultural é rica, mas frequentemente invisibilizada e desvalorizada. Apesar do reconhecimento nacional do património natural e histórico de Sintra, a produção artística contemporânea, sobretudo a que emerge das periferias urbanas, permanece, muitas vezes, à margem da atenção mediática e institucional. Esta invisibilidade resulta, em parte, da ausência de mecanismos de documentação e de plataformas que permitam a inscrição destas práticas nos “quadros sociais” da memória coletiva local e nacional.

Stuart Hall (2006), aprofunda esta discussão ao afirmar que a identidade cultural não é fixa, mas sim um processo em constante transformação, construído historicamente e mediado por relações de poder e representações culturais. Hall distingue entre uma visão essencialista da identidade e uma abordagem que reconhece as diferenças e descontinuidades, sublinhando que a identidade cultural “são os pontos de identificação. os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam adentro dos discursos da história e da cultura.” (p. 25), materializando-se uma articulação entre o passado e o futuro. Assim, a documentação das práticas artísticas locais permite revelar tanto os elementos de continuidade quanto as transformações e tensões que compõem a identidade de uma comunidade.

A relação entre a memória individual e a memória coletiva é complexa e levantada por diversos autores. Michael G. Kenny (1999), por exemplo, explora esta questão de forma aprofundada na sua obra, onde afirma que a memória coletiva não é simplesmente o conjunto das memórias individuais, mas um processo social em que as recordações pessoais são articuladas e transformadas pelas suas interações sociais e pelas estruturas culturais que moldam o que é lembrado e esquecido.

All experience *is* individual in that collectivities do not have minds, or memories either, though we often speak as if they did. Yet it is also true that individuals are nothing without the

prior existence of the collectivities that sustain them, the cultural traditions and the communicative practices that position the self in relation to the social and natural worlds (Kenny, 1999, p. 421).

Esta perspetiva é central para compreender o papel do projeto proposto para a Linha de Sintra, um território que reflete as fragilidades na representação e valorização da produção artística local. Ao documentar as práticas artísticas da comunidade, o projeto não só preserva as experiências individuais dos artistas, como também ativa o processo de construção coletiva da memória cultural da região. Além disso, Kenny (1999) enfatiza a importância da comunicação e da mediação social na consolidação da memória coletiva, observando que as recordações pessoais ganham significado quando partilhadas e incorporadas em práticas culturais comuns. “Memory needs a place, a context. Its place, if it finds one that lives beyond a single generation, is to be found in the stories that we tell” (Kenny, 1999, p. 422). Este processo é fundamental para enfrentar o desafio da invisibilidade enfrentado pelos artistas da Linha de Sintra, cujo trabalho carece de espaços institucionais de reconhecimento.

Posto isto, ao combinar múltiplas plataformas, possibilitamos uma democratização do acesso à memória cultural, interligando experiências individuais e coletivas num ecossistema de participação e cocriação. Em suma, a análise dos vários autores referidos acima oferece uma base teórica robusta que sustenta a importância de um projeto estruturado para documentar, disseminar e dinamizar as práticas artísticas locais da Linha de Sintra. À semelhança de Kenny (1999), também Halbwachs (2023) considera que a memória coletiva só se mantém viva quando é partilhada, transmitida e reconhecida socialmente. No caso dos artistas da Linha de Sintra, a falta de visibilidade, de oportunidades de financiamento e de reconhecimento institucional contribui para a exclusão simbólica das suas práticas do repertório cultural dominante. A ausência de documentação sistemática destas expressões artísticas dificulta a sua integração na memória coletiva da região e perpetua o ciclo de invisibilidade e marginalização.

Outro aspeto a ter em conta é a problemática levantada por Carina Green (2019) que assenta na ideia de que a memória não é um ato neutro ou meramente espontâneo, mas sim um processo de comunicação marcado por relações de poder, intenções e contextos específicos. Como Green afirma, “there are preconceived notions, agendas, past experiences, and particular characteristics of that interaction that shape what is being remembered and in what way it is presented” (2019, p.2). Ao afirmar que a memória tem sempre um emissor e um receptor, salienta-se que lembrar implica não apenas um sujeito que recorda, mas também um outro que recebe essa recordação, sejam eles indivíduos, grupos sociais ou até um Estado-nação. Neste

sentido, a memória é construída e transmitida a partir de filtros e condicionantes. As narrativas de memória não se limitam a expor factos do passado, pelo contrário, moldam-se conforme os interesses, as necessidades e as circunstâncias do presente. Assim, o que se recorda e como se recorda depende da interação entre quem transmite e quem recebe essa memória, o que revela a sua dimensão profundamente política e cultural. Este olhar também nos alerta para a seletividade da memória. Não existem recordações “puras”. Do ponto de vista social, quando grupos ou nações transmitem memórias coletivas, estão a afirmar identidades, a legitimar posições ou até a disputar hegemonias simbólicas. Do ponto de vista individual, a memória é moldada pelas vivências particulares, mas também pela linguagem, pelos quadros sociais e pelos espaços de pertença.

Desta forma, ao analisar como as memórias são socialmente comunicadas e apropriadas por diferentes agentes e contextos, este projeto é particularmente importante por contribuir para a criação e preservação de conteúdos que sustentam a memória coletiva da Linha de Sintra, promovendo uma narrativa que valoriza a riqueza cultural e social local, livre das conotações negativas habitualmente associadas a este território. Ao documentar e dar visibilidade às práticas, experiências e vozes periféricas, este trabalho fortalece sentimentos de pertença e reconhecimento e afirma o direito destas comunidades a uma memória plural e positiva. O projeto insere-se numa tendência crescente de iniciativas culturais que recorrem a experiências imersivas para explorar identidades artísticas e territórios. Projetos semelhantes têm demonstrado elevado sucesso ao estabelecer ligações emocionais com o público, tirando partido das potencialidades do *storytelling* digital para expandir o alcance e maximizar o impacto social.

“*Vidas e Memórias de Bairro – Oficinas Comunitárias da Memória*”², um projeto dirigido à população idosa com o objetivo de recuperar, preservar e divulgar histórias de vida e memórias importantes (em formato oral e vídeo preservados num arquivo digital) sobre os bairros e freguesias de Lisboa. O projeto foi pensado em torno de quatro conceitos operativos: território, histórias de vida, memória (individual/coletiva) e património (material/imaterial). O projeto transcende o arquivo ao criar recursos que regressam à comunidade, como apresentações digitais e exposições baseadas nas memórias recolhidas e a criação de um jogo de tabuleiro³ com o mesmo nome, que utiliza as histórias e a informação sobre as freguesias de Lisboa como base lúdica e pedagógica, transportando o conteúdo digital e oral para um meio

² Um projeto da Divisão da Rede de Bibliotecas de Lisboa - BLX, disponível em https://blx.cm-lisboa.pt/wp-content/uploads/2020/07/apresentacao_vmbocm_DGLAB_MH.pdf

³ <https://ideiascomhistoria.pt/blogs/catalogo/jogo-vidas-e-memorias-de-bairro-sobre-a-historia-de-lisboa>

físico e de fomentação social.

“*Por ti, Portugal, eu juro!*”⁴, um projeto *transmedia*, centrado num documentário, foi complementado por uma reportagem multimédia mais ampla no seu website de origem. Esta reportagem oferece um contexto e uma profundidade adicionais, usando diferentes formatos *online* (texto, imagens, vídeos e *layouts* interativos) para expandir a história dos militares africanos da Guerra Colonial, para além do que é visto no filme. Para além disto, quem quiser realmente compreender profundamente a temática, é ainda possível ler o livro.

“*Hightrise*”⁵ é um extenso projeto de documentário de multimédia e *transmedia* realizado por Katerina Cizek, que tinha como foco a vida em prédios altos, explorando a experiência da vida vertical nas periferias urbanas a nível global, com ênfase particular nas comunidades imigrantes e de baixos rendimentos. Sendo um marco de reconhecimento no documentário *transmedia*, como afirma André Paz, o “seu propósito social é desencadear e participar de processos de inovação social, além do registro e documentação” (2017, p. 85).

Ainda entre as iniciativas nacionais, neste caso de promoção da arte participativa e comunitária, destaca-se o programa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social) da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja reflexão crítica sobre o equilíbrio entre o artístico e o social tem sido amplamente trabalhada. No artigo “Arte e Comunidade: Tensão entre o artístico e o social”, Narcisa Costa, coordenadora do projeto e produtora cultural, sublinha a importância de distinguir entre práticas artísticas com dimensão social e intervenções sociais com instrumentos artísticos, alertando para o risco de instrumentalizar a criação artística. Este debate é essencial para compreender projetos que, como o aqui defendido, procuram conciliar a dimensão estética com a responsabilidade cultural e comunitária, reforçando o papel da arte como espaço de expressão e diálogo.

⁴ Plataforma *transmedia* disponível em <https://por-ti-portugal.divergente.pt/>

⁵ Disponível em <https://katerinacizek.com/portfolio/highrise-the-collection/>

CAPÍTULO 3

3.1 Metodologia

Considerando a natureza do projeto e os seus objetivos de valorização da memória coletiva e artística da periferia da Linha de Sintra, optou-se por uma metodologia prática e realista, centrada na observação direta e na interação contínua com o território e os seus agentes culturais. A recolha e análise de informação foram conduzidas através de uma abordagem de pesquisa documental, registo audiovisual e envolvimento comunitário. Esta escolha metodológica parte do reconhecimento de que os contextos sociais e culturais não podem ser compreendidos à distância, exigindo contacto próximo, trabalho de campo e escuta ativa das experiências e narrativas locais (Geertz, 1989, p.7).

O método privilegiado para a recolha e análise de informação assenta no cruzamento de diversas fontes: análise documental de estudos académicos sobre memória coletiva, periférico e práticas *transmedia*; estudos que trabalham a temática da questão cultural em Sintra ou outras periferias de grandes cidades como comparação, o mapeamento de projetos similares a nível nacional e internacional e, principalmente, trabalho etnográfico no terreno com artistas, moradores e organizações locais. Este último é apoiado e complementado pelo trabalho realizado pela Dínamo – Associação de Dinamização Sociocultural, organização sediada em Sintra com um historial de trabalho na promoção da cultura local e da participação cidadã, uma vez que o presente projeto é desenvolvido diretamente em parceria com esta organização.

De forma a compreender melhor o panorama transmediático existente, foi desenvolvido o seguinte conjunto de critérios para identificação de projetos de referência: possuir abordagem *transmedia* ou multiplataforma na narrativa, utilizar metodologias de documentação, arquivo digital ou partilha pública que assegurem a preservação e disseminação dos resultados para além do evento ou produto inicial, assumir a acessibilidade e a inclusão (linguística, tecnológica, física ou simbólica) como princípios estruturantes das suas práticas e adotar uma abordagem sustentável, procurando continuidade ou manutenção do impacto após a conclusão do projeto.

No que diz respeito à seleção dos artistas para colaboração foi desenvolvido o seguinte conjunto de critérios: serem residentes na Linha de Sintra, integrar componentes de arte participativa para o impacto social¹⁶; ter foco em territórios periféricos ou comunidades marginalizadas; apresentar metodologias de envolvimento e cocriação com as populações-alvo

¹⁶ Arte Participativa para o Impacto Social (PASI) transforma as comunidades em contribuintes ativos, coautores e narradores das suas próprias histórias, capacitando-as a apresentar as suas necessidades e aspirações por meio de narrativas artísticas envolventes (PASI, 2025).

e demonstrar resultados concretos de impacto social ou cultural junto das comunidades, tendo resultado na seleção dos artistas como Sepher AWK, Adriana Santos ou Alex Paganelli (lista completa presente no Anexo A e desenvolvida no Capítulo 5).

A produção artística participativa tem vindo a assumir crescente relevância enquanto fator de transformação social, especialmente em contextos urbanos periféricos, onde dinâmicas de exclusão e invisibilidade tendem a ser mais pronunciadas. Projetos recentes em Portugal, como o programa ATOS⁷, ilustram a capacidade da arte comunitária de estimular não só a criatividade e a autoexpressão, mas também de fortalecer os laços de cidadania e pertença, promover uma maior diversidade de vozes e contribuir para a revitalização do território e das suas narrativas. Nessa linha, Cruz (2021) defende que a participação em práticas artísticas colaborativas pode contribuir para o desenvolvimento de comunidades mais solidárias e resilientes, desde que sejam assegurados critérios de continuidade, partilha de decisões e ligação autêntica ao contexto local, evitando a instrumentalização da arte e promovendo a reflexão crítica e a coesão social. Esta base serve também de lógica para o desenvolvimento de atividades participativas dentro do projeto.

3.2 Descrição do Projeto

A estrutura do projeto assenta num núcleo principal, o documentário, que explora a relação entre arte e comunidade em Sintra. A este núcleo articulam-se extensões estratégicas que enriquecem a experiência narrativa, como a aplicação móvel com mapas interativos, as redes sociais, que funcionam como espaços de divulgação, interação e aprofundamento de conteúdos e eventos presenciais, como exposições, debates e workshops, que promovem o contacto direto entre artistas e público.

A transmediação deste projeto foi concebida de forma proativa (Gambarato, 2013), integrando desde o início múltiplas plataformas e formatos de interação. Esta abordagem permite uma construção da narrativa coesa, onde cada extensão é pensada para complementar e expandir o universo do projeto. No entanto, esta abordagem também apresenta desafios, nomeadamente a necessidade de coordenação rigorosa entre as diferentes equipas de produção e comunicação, além de uma gestão eficiente de recursos financeiros e humanos para dar apoio aos vários formatos.

O projeto desenvolve-se através de uma estratégia que integra diversas plataformas mediáticas, cada uma desempenhando um papel essencial na construção e expansão da narrativa. A plataforma principal é o documentário audiovisual, como já referido, que funciona

⁷ uma iniciativa Teatro Nacional D. Maria II e Fundação Calouste Gulbenkian parceria Câmaras Municipais do Funchal, Lamego, Loulé, São João da Madeira, o Teatro Micaelense e o _ARTERIA_LAB - Universidade de Évora. Disponível em <https://www.tndm.pt/pt/projetos/atos/>

como o núcleo narrativo do projeto. Este meio permite uma exploração profunda, utilizando recursos visuais e sonoros para envolver emocionalmente o público.

“We can think of transmedia storytelling then as a hyperbolic version of the serial, where the chunks of meaningful and engaging story information have been dispersed not simply across multiple segments within the same medium, but rather across multiple media systems” (Jenkins, 2009B). O projeto apresenta um conjunto de extensões narrativas, cuidadosamente delineadas para aprofundar a experiência do público e expandir o impacto do documentário. Estas extensões oferecem novas perspectivas e formas de interação com o conteúdo principal, sem perder a coerência temática e estética da obra.



Fonte: elaboração própria.

Figura 2: Proposta de cartaz vertical do documentário "Entre Muros e Ruas"

A estética do projeto é cuidadosamente concebida para refletir a identidade cultural e artística da região, articulando elementos visuais e sonoros que proporcionam uma experiência imersiva e autêntica. O documentário adota um estilo realista, valorizando a beleza natural da paisagem urbana de Sintra e a intimidade do processo criativo dos artistas locais. A componente visual do projeto combina vídeo documental, gráficos digitais e fotografia analógica. A cinematografia faz uso de planos amplos para capturar a grandiosidade das paisagens naturais e urbanas de Sintra, contrastando com planos mais fechados e intimistas durante as entrevistas (exemplo de guião no Anexo B) com os artistas. A paleta de cores, por sua vez, combina tons terrosos e naturais, evocando a paisagem de Sintra, com cores vibrantes nas cenas que ilustram a criatividade dos artistas, criando uma harmonia visual que reforça a ligação entre a arte e o território. Estes recursos são complementados por uma tipografia moderna e limpa, especialmente presente nas plataformas digitais, que reforça a contemporaneidade do projeto. O som desempenha um papel fundamental na construção da atmosfera do documentário.

A banda sonora é composta por artistas locais e a paisagem sonora é enriquecida com sons ambientes captados *in loco* - o vento entre as árvores, o som dos comboios da Linha de Sintra e o ruído urbano - que ampliam a sensação de imersão. Estes elementos são cuidadosamente intercalados com sons captados no processo criativo, como o som de pincéis em tela, o raspar de lápis no papel ou o ruído de conversas entre artistas, conferindo a proximidade à narrativa.

A primeira extensão é de caráter digital, subdividida em dois eixos complementares. Por um lado, as redes sociais *online* desempenham um papel central na divulgação e interação com o público. Através de *reels*, publicações e anúncios, serão partilhados momentos-chave do documentário e das entrevistas, bastidores, *teasers* e informações sobre eventos do projeto. Esta abordagem permite não só alcançar uma audiência mais vasta, como também criar um espaço de diálogo contínuo com a comunidade. Por outro lado, será desenvolvida uma plataforma interativa (*website*) que funcionará como um arquivo vivo do projeto. Este espaço *online* disponibilizará entrevistas completas, conteúdos exclusivos como *bloopers* e reflexões adicionais dos artistas, bem como materiais de apoio sobre a história cultural e artística de Sintra. A plataforma permitirá uma exploração mais profunda das temáticas abordadas, funcionando como uma extensão orgânica do documentário enquadrando-se na noção de participação hipertextual de Sandra Gaundenzi (2013, p. 48) onde cada *click* e cada *link* oferecido ao utilizador leva a uma página, ou seja, conteúdo, específico, estabelecido por um algoritmo e permitindo infinitas sequências.

A segunda extensão foca-se em atividades presenciais, fundamentais para estabelecer uma

ligação direta entre o público e os artistas e para aprofundar ideias levantadas durante as entrevistas. Serão organizados eventos ao vivo, como exposições das obras referidas no documentário, debates com os artistas e especialistas, e *workshops* criativos. Estes encontros permitirão não só aprofundar as questões levantadas nas entrevistas, como também criar momentos de partilha e reflexão coletiva sobre a arte e o papel da cultura na comunidade de Sintra, tornando também estes momentos-chave uma parte fundamental na lógica *transmedia* aqui defendida. Como Jenkins (2009B) refere, muitos criadores utilizam momentos como painéis ou debates para expandir a compreensão dos mundos. Ao mesmo tempo, os eventos presenciais, serão também eles próprios mediatizados, no sentido em que será posteriormente publicado conteúdo digital recolhido durante os mesmos.

A terceira extensão propõe uma experiência imersiva através de um mapa interativo de Sintra. Esta iniciativa consistirá no desenvolvimento de uma aplicação móvel que permitirá ao público explorar locais de Sintra. Através de *QR codes* espalhados por locais significativos, como espaços de gravação das entrevistas, áreas mencionadas pelos artistas ou peças de arte urbana, os utilizadores poderão aceder a conteúdos adicionais, como informações detalhadas sobre as obras, biografias dos artistas e curiosidades sobre o processo criativo. Esta extensão reforça a dimensão exploratória e participativa do projeto, incentivando o público a explorar de forma autónoma e interativa. Além disso, os utilizadores poderão ainda adicionar novos pontos de referência no mapa, fazendo *upload* dos seus próprios conteúdos. Gaudenzi (2013, p.56) defende que o surgimento da *Web 2.0* facilitou o carregamento de vídeos com qualidade por parte do público, que serviu como ponto de partida para a exploração de novos modos de produção colaborativa. Num processo de documentação participativo, espera-se que o utilizador influencie os processos de produção documental, como aqui, “and therefore transform the artefact itself” (Gaudenzi, 2013, p.56). A aplicação móvel surge, deste modo, como uma extensão inovadora, proporcionando uma experiência imersiva que conecta o espaço físico de Sintra com a narrativa digital. Para além disto, os utilizadores serão encorajados a comentar os pontos já referenciados, adicionando os seus comentários e interpretações, construindo-se um diálogo e espaço de partilha.

Todas estas extensões são canónicas, alinhadas com o documentário, e acrescentam novas camadas de significado à narrativa principal. Permitem responder a questões levantadas na peça central, mas também levantam novas interrogações, como o futuro da arte em Sintra. Esta abordagem promove uma experiência dinâmica e contínua, com potencial para futuras expansões, como a inclusão de novos artistas, a exploração de outras formas de arte ou a criação de redes colaborativas entre comunidades artísticas. Dentro das estratégias narrativas

transmedia, destaca-se o conceito de *negative capability*, que consiste na “art of building strategic gaps into a narrative to evoke a delicious sense of 'uncertainty, Mystery, or doubt' in the audience” (Long, 2007, p. 53). Essas lacunas são complementadas por *migratory cues*, definidas como “a signal towards another medium - the means through which various narrative paths are marked by an author and located by a user through activation patterns” (Long, 2007, p. 59). *Cliff hangers*, outra estratégia bastante utilizada que vai de encontro ao que se pretende com as anteriormente mencionadas, “represents an archetypical moment of rupture where one text ends and closure where one text bleeds into the next, creating a strong enigma which drives the reader to continue to consume the story even though our satisfaction has been deferred while we await the next installment” (Jenkins, 2009B). Todas estas estratégias serão utilizadas no documentário, que apesar de ser a peça central não contém toda a informação, de modo que os espectadores não pensem que basta ver o documentário. Nesta lógica, o público “have a strong incentive to continue to elaborate on these story elements, working them over through their speculations, until they take on a life of their own” (Jenkins, 2007). A experiência de envolvimento do público com o projeto é concebida a partir de uma perspetiva predominantemente na terceira pessoa, como um observador atento que acompanha as histórias e os processos criativos dos artistas. O projeto mantém o público envolvido através de narrativas profundamente enraizadas no contexto cultural, que exploram as histórias pessoais e coletivas dos artistas locais. Este envolvimento é reforçado por experiências interativas, nomeadamente através da aplicação digital e dos conteúdos adicionais. Para além do ambiente digital, o projeto convida o público a participar ativamente em oficinas criativas, debates e iniciativas de cocriação artística, incentivando uma relação mais próxima com os artistas e com o processo criativo.

A participação do público não se limita à receção do conteúdo, mas estende-se à possibilidade de contribuir ativamente para o desenvolvimento do projeto. Os espectadores são convidados a partilhar as suas próprias histórias e experiências, enriquecendo a narrativa com novas perspetivas. Esta dinâmica de cocriação não só reforça o sentimento de pertença, como também permite que o projeto se molde continuamente em resposta às contribuições da comunidade. A participação em oficinas criativas e debates com os artistas locais representa uma oportunidade de envolvimento direto, transformando o público numa parte integrante do processo artístico e narrativo.

Cada uma das extensões do projeto foi desenhada para funcionar de forma autónoma, permitindo múltiplos pontos de entrada na narrativa. O documentário pode ser visto isoladamente, oferecendo uma compreensão geral do tema central. A aplicação móvel

proporciona uma exploração independente dos espaços de Sintra e das histórias dos artistas, sem exigir conhecimento prévio do documentário. As redes sociais complementam este ecossistema com conteúdos dinâmicos promovendo a interação contínua com o público, mas que pode ser interpretada apenas com conteúdo isolado de entretenimento. Por sua vez, os eventos presenciais possibilitam uma experiência tangível, permitindo que o público participe ativamente sem necessitar de contacto prévio com as outras plataformas.

Os desfechos do projeto são mutáveis, moldados pelo grau de envolvimento do público e pelo impacto cultural gerado. Entre os possíveis resultados destacam-se o fortalecimento de uma rede comunitária entre artistas e habitantes de Sintra, a criação de uma plataforma sustentável e contínua para a partilha de histórias culturais e artísticas da região e, eventualmente, a expansão do projeto para outras regiões ou a incorporação de novas formas narrativas e tecnológicas. Ou simplesmente uma maior consciencialização do papel social da arte.

3.3 Plano de Ação

3.3.1 Produção (e pós-produção)

Propõe-se que o projeto seja desenvolvido ao longo de 18 meses, tendo iniciado em janeiro de 2026 e prevendo terminar em junho de 2027. Este período foi estrategicamente pensado e reestruturado de forma a reestruturar eventuais necessidades de adaptação ou prevenir atrasos na criação do conteúdo digital. Encontra-se no Anexo C a proposta de um mapa de calendarização.

Prévio à fase de desenvolvimento do documentário e dos conteúdos *transmedia*, estabeleceu-se uma etapa fundamental de investigação, diagnóstico e planeamento destinada a garantir o rigor científico e a legitimidade cultural do projeto. Este momento inicial estruturou-se a partir de três eixos metodológicos principais: pesquisa contextual, mapeamento territorial e seleção criteriosa dos artistas que integrarão o projeto. A pesquisa contextual compreendeu a análise de fontes bibliográficas, institucionais e históricas relativas ao Concelho de Sintra, com particular incidência sobre processos de memória coletiva, dinâmicas culturais urbanas e práticas artísticas emergentes. O mapeamento territorial assumiu um caráter exploratório e participativo, recorrendo à observação direta, identificação de espaços de criação e circulação cultural, acompanhamento de eventos e consulta a bases de dados institucionais e redes culturais locais. Esta listagem permitiu construir um inventário dos agentes, coletivos e infraestruturas relevantes (Anexo D), assegurando amplitude e diversidade na seleção posterior. A seleção dos artistas e coletivos foi orientada por critérios de representatividade social e territorial,

diversidade de linguagens, relevância comunitária e potencial de inovação. Tal procedimento incluiu pesquisa e entrevistas preliminares. Esta abordagem pretendeu garantir a autenticidade das vozes representadas, assim como promover o envolvimento ativo dos agentes locais ao longo de todas as etapas subsequentes do projeto.

No núcleo da etapa de produção e pós-produção está o desenvolvimento dos conteúdos *transmedia* propostos para este projeto, articulando a recolha, criação e organização de materiais audiovisuais e digitais com o objetivo de construir uma narrativa sólida e envolvente. Esta fase é conduzida por uma metodologia participativa, envolvendo artistas locais, coletivos e parceiros institucionais, especialmente a Associação Dínamo.

A produção será orientada pela realização do documentário principal, intitulado “*Entre Muros e Ruas*”, que visa explorar as práticas artísticas da comunidade local, através de entrevistas, registos visuais dos processos criativos e da contextualização territorial e social dos artistas. Aqui pretende-se não só comparar o excessivo turismo do centro histórico da Vila de Sintra com as ruas bastante povoadas nos bairros da zona urbana, mas também perceber como os artistas lidam com esta dualidade e se a procuram representar. As filmagens decorreram em diversos espaços da Linha de Sintra, privilegiando locais de criação artística, eventos culturais e paisagens urbanas e naturais que contribuam para a construção de uma narrativa visual rica e situada. A equipa de produção do documentário é composta por profissionais das áreas de cinema, imagem e som, contando ainda com o apoio logístico e institucional da Dínamo e dos próprios artistas envolvidos.

Simultaneamente, serão captados conteúdos adicionais para ampliar as dimensões digitais do projeto, como filmagens de bastidores, testemunhos e arquivos fotográficos, destinados ao *website* e às redes sociais, proporcionando a expansão da narrativa. Essa recolha seguirá critérios de diversidade de formatos e adequação a diferentes plataformas.

Outro eixo essencial é o mapeamento artístico da região, realizado através de visitas guiadas, entrevistas e registos visuais de espaços significativos em Sintra. Este inventário será a base para uma aplicação móvel com mapa interativo, permitindo a exploração autónoma do território.

Na pós-produção, os conteúdos serão editados para construir uma narrativa audiovisual coesa, integrando elementos gráficos, legendas, trilha sonora de artistas locais e animações que reforcem o impacto sensorial do documentário. A edição priorizará a representatividade dos artistas e a acessibilidade, valorizando as diversas histórias e expressões culturais da região.

As extensões digitais do projeto, especialmente o *website* e os conteúdos para redes sociais, funcionarão como plataformas interativas, oferecendo entrevistas completas, galerias visuais,

materiais educativos e artigos sobre a história cultural de Sintra, complementando a narrativa principal e ampliando as possibilidades de aprofundamento pelo público.

A aplicação móvel será desenvolvida com foco na interatividade e acessibilidade, integrando funcionalidades como localização geográfica e acesso a conteúdos multimédia estáticos, em colaboração com especialistas em programação, *design* e desenvolvimento de aplicações.

A conceção das extensões digitais do projeto, incluindo o *website* e a aplicação móvel, será orientada por princípios de *design UX/UI*, de modo a garantir uma experiência de navegação intuitiva, acessível e visualmente apelativa para todos os públicos envolvidos. Todos os conteúdos serão testados com grupos piloto da comunidade local próxima antes do lançamento, para garantir a sua usabilidade, relevância e impacto, com os *feedbacks* integrados nas versões finais.

Em síntese, a produção e pós-produção concretizam a proposta *transmedia* do projeto, articulando narrativa, tecnologia e participação comunitária num processo colaborativo que valoriza as práticas artísticas periféricas e promove a construção de uma memória coletiva partilhada e inclusiva.

3.3.2 Distribuição

A disseminação dos conteúdos e ações do projeto será estruturada de modo estratégico e multifacetado, articulando canais digitais, plataformas participativas e comunicação física para garantir amplo alcance e envolvimento dos públicos da Linha de Sintra e áreas circundantes, principalmente outras periferias da Grande Lisboa. O *website* oficial servirá como o principal repositório de conteúdos, recebendo atualizações regulares com entrevistas completas, bastidores, galerias fotográficas, *trailers* e material educativo, além de funcionar como espaço aberto para o carregamento contínuo de novos testemunhos artísticos e relatos comunitários. Haverá ainda uma secção destinada à divulgação e posteriormente disseminação dos resultados dos eventos presenciais.

Nas redes sociais, será dinamizada uma narrativa expansiva e interativa, privilegiando a publicação periódica de testemunhos em vídeo, excertos dos bastidores, *teasers* do documentário, campanhas temáticas e divulgação dos eventos do projeto. Será ainda lançada uma campanha de apelo à construção conjunta de um mosaico digital de Sintra, onde os seguidores são convidados a partilhar o que é Sintra para si através de pequenos vídeos, fotografias ou desenhos. Esta estratégia ambiciona fomentar o diálogo com diferentes públicos, estimular partilhas e atrair novos espectadores e participantes. Adicionalmente, criadores de

conteúdo e influenciadores ligados à cultura urbana e ao território serão convidados para ações colaborativas de divulgação, procurando impacto viral e segmentado junto de comunidades interessadas. De forma a completar esta estratégia serão comprados anúncios pagos no Instagram para conteúdos chave.

A aplicação móvel será lançada como extensão do *website*, potencializando a experiência dos utilizadores por meio de funcionalidades interativas de localização geográfica e acesso aos conteúdos visuais e textuais produzidos. Esta ferramenta permitirá uma exploração autónoma e imersiva das manifestações culturais da região, fortalecendo a apropriação coletiva e a difusão participativa. Todos os conteúdos carregados pelos utilizadores serão avaliados por uma equipa editorial, garantindo a adequação dos mesmos. A referência para o desenvolvimento da aplicação será o modelo apresentado pela *The Homies Network*⁸.

Complementando a comunicação digital, a distribuição física será constituída por meio de *flyers*, cartazes, *mupis* e expositores posicionados em locais estratégicos identificados pelo mapeamento geográfico: estações de comboio, escolas, centros culturais, praças e espaços comunitários com grande circulação. Cada ação física será planeada em articulação com os recursos disponíveis e a agenda cultural local, ampliando o alcance entre públicos *offline*.

O lançamento oficial do documentário “*Entre Muros e Ruas*” com cerca de 60 minutos ocorrerá em dois momentos de destaque: inicialmente, na Casa da Juventude da Tapada das Mercês, um espaço gerido pela Câmara Municipal de Sintra, espaço emblemático para acolhimento de iniciativas culturais e parceira direta do projeto, criando um evento de inauguração voltado para a comunidade local, parceiros, artistas e representantes institucionais. Posteriormente, será realizada uma projeção pública no festival Clarão, um festival multidisciplinar de referência em Sintra organizado por um dos parceiros, a Associação Claraboia, como forma de ampliar a repercussão e inserir o projeto num circuito cultural mais amplo.

Em paralelo, a comunicação será reforçada junto de jornais, revistas culturais, rádios e plataformas digitais dedicadas à cultura de Lisboa e da periferia, como a Mensagem de Lisboa ou Rimas e Batidas, bem como jornais locais como o Correio de Sintra. Esforços de relações públicas e parcerias mediáticas serão mantidos ao longo da vigência do projeto, ajustando as ações conforme a resposta dos meios de comunicação e o envolvimento dos públicos, assegurando assim uma estratégia de disseminação sólida, integrada e sustentável.

Os eventos presenciais serão concebidos como momentos de encontro, partilha e aprofundamento das dimensões artísticas, comunitárias e participativas do universo *transmedia*.

⁸ <https://www.thehomiesnetwork.com/>

A programação será inaugurada com o lançamento oficial do documentário. Este evento marcará a estreia pública do filme e será acompanhado por uma conversa com os artistas participantes, uma exposição fotográfica dos bastidores e a abertura do *website* e da aplicação móvel, com um convite final para explorar em conjunto os pontos localizados na Tapada das Mercês. O espaço foi escolhido por constituir um espaço cultural importante e acessível, habituado a acolher produções audiovisuais, exposições e iniciativas de juventude, o que favorece a integração do projeto neste território. É também aqui inaugurado por representar o nascimento do projeto através do trabalho desenvolvido com a comunidade e da forte presença artística. Posteriormente, o documentário terá uma segunda exibição no festival Clarão, que integrará uma secção especial dedicada à arte comunitária e às narrativas periféricas, ampliando a visibilidade do projeto perante um público diversificado e especializado. Além das projeções, as duas mostras do documentário serão acompanhadas de debates, performances musicais e painéis de partilha, com o propósito de estimular o diálogo entre criadores e comunidade.

Paralelamente, os eventos complementares, *workshops*, oficinas abertas, encontros com artistas e visitas guiadas aos espaços culturais identificados, serão realizados em articulação com os artistas, coletivos e associações locais, promovendo o envolvimento direto da população e a apropriação do projeto pelo território. Um exemplo deste tipo de espaços é o Ponto Kultural, o primeiro pólo cultural da freguesia de Algueirão Mem-Martins inaugurado este ano e que tem recebido projetos artísticos participativos e comunitários. Serão também realizados *workshops* com os alunos da Escola Básica Visconde Juromenha e com a Escola Secundária de Mem-Martins, onde os alunos serão convidados a construir, com o apoio de artistas, as suas próprias respostas criativas, como vídeos, exposições ou pintura de murais que refletem os seus bairros e as suas comunidades. Assim, os eventos presenciais consolidam-se como espaços de experiência sensorial, participação e representação da diversidade artística da Linha de Sintra, encerrando simbolicamente o percurso colaborativo que sustenta todo o projeto.

Os materiais de *merchandising*, disponíveis para venda nos eventos presenciais ou por encomenda *online*, serão desenvolvidos de forma a prolongar a presença simbólica do projeto no território e junto dos participantes, incluindo artigos como *tote bags*, postais, autocolantes, *fanzines* e impressões de obras. A identidade visual seguirá o grafismo utilizado nas plataformas digitais, garantindo coerência estética e reforçando o reconhecimento da marca do projeto em todos os suportes impressos e digitais.

Paralelamente, será lançada uma campanha de *crowdfunding* destinada a apoiar as fases de produção, distribuição e ações de mediação cultural. Esta campanha funcionará como uma ferramenta de mobilização comunitária e de financiamento colaborativo, permitindo a qualquer

pessoa contribuir para a continuidade e expansão do projeto. A recolha de apoios será realizada através da plataforma *4.Fund.com*, que se destaca pela ampla rede de doadores e pela transparência no acompanhamento das metas. A campanha oferecerá recompensas, como *merchandising* ou inscrição garantida nos *workshops*, promovendo um certo sentimento de pertença e valorização. Além do objetivo financeiro, a campanha pretende ainda fortalecer o compromisso comunitário, sensibilizando novos públicos e parceiros.

A análise de métricas será implementada de forma contínua e integrada nos processos de divulgação e avaliação do projeto, permitindo um acompanhamento sistemático da sua performance e alcance ao longo do tempo. No *website* oficial (alojado na plataforma *WordPress*), as métricas abrangerão o número de visitantes únicos, tempo médio de permanência, interações com conteúdos audiovisuais e *downloads* dos materiais complementares, através da ferramenta *Google Analytics*, que permite também acompanhar o tráfego e a origem das visitas, a esta será cruzada ainda a informação retirada da ferramenta *AnswerThePublic*.⁹ Na aplicação móvel (disponibilizada gratuitamente nas lojas *Google Play* e *App Store*), serão contabilizados o número de descarregamentos, as sessões ativas e o tempo médio de utilização, bem como a interação com os conteúdos ou o *upload* por parte dos utilizadores. No que diz respeito às redes sociais (*Instagram* e *TikTok*), serão acompanhados os níveis de envolvimento (visualizações, partilhas, comentários e reações), alcance orgânico e frequência de interações com as publicações, através do *Meta Business Suite* e das próprias secções de métricas incorporadas nas plataformas. E, por fim, no caso do documentário, serão analisadas estatísticas de visualizações na plataforma de *streaming* selecionada, o *Youtube*, e o público nos eventos presenciais. Esta monitorização contínua permitirá ajustar estratégias de disseminação e otimizar o alcance do projeto ao longo de todas as suas fases.

⁹ Com o AnswerThePublic, é possível descobrir que perguntas, dúvidas e temas as pessoas pesquisam em motores de busca como o Google, transformando esses dados em gráficos e listas que revelam tendências, intenções de busca e interesses do público.

CAPÍTULO 4

4.1 Recursos

4.1.1 Recursos Humanos

A constituição dos recursos humanos para o projeto contempla várias áreas-chave, garantindo uma equipa multidisciplinar, coordenada pela gestora de projeto que acumula também outras funções. Na produção do documentário estão envolvidas funções como produtor, realizador, videógrafo, diretor de fotografia, técnico de som, assistentes de produção, responsável de acessibilidade e inclusão (legendas, tradução, materiais inclusivos) e fotógrafo, que asseguram todas as etapas técnicas e artísticas da captação e edição. No desenvolvimento da aplicação digital e do *website* colaboram programadores e *designers* de *UX/UI*, responsáveis por criar uma experiência interativa adaptada ao público-alvo, em conjunto com um responsável pela documentação/arquivo. A equipa de comunicação inclui um coordenador de comunicação, gestor de redes sociais e *designer*, dedicados à divulgação, gestão das plataformas e produção dos materiais de promoção. Na coordenação dos eventos participam moderadores culturais, moderadores de debates, uma equipa de produção e facilitadores de *workshops*. Por fim, o projeto envolve, obviamente, os artistas, cuja participação é central.

4.1.2 Recursos Tecnológicos

Na captação de imagens e som, a equipa dispõe de câmaras de fotografia e vídeo, tanto analógicas (com rolos de 35mm e materiais de revelação) como digitais, além de um *drone* para filmagem aérea, microfones diversos para captar entrevistas e ambientes, equipamentos de iluminação ajustáveis e outros acessórios essenciais para garantir qualidade.

Na pós-produção, o processamento e edição dos conteúdos será realizado com *softwares* profissionais como o *Adobe Illustrator*, *Photoshop* e o *Premiere Pro*, permitindo o tratamento criativo das imagens, o desenho gráfico, montagem e finalização áudio e vídeo do projeto. O desenvolvimento da aplicação digital alojada no *Leaflet* integrará uma plataforma dedicada, programada especificamente para criar uma experiência interativa e integrada.

Para a comunicação, serão utilizadas as seguintes plataformas digitais: *Instagram*, *TikTok*, *YouTube*, *WordPress*, e *4.Fund.com*, otimizando a divulgação, envolvimento de públicos e partilha de conteúdos em tempo real. Ao nível da análise de resultados e alcance, o projeto recorrerá a ferramentas simples e gratuitas como *Google Analytics*, *AnswerThePublic* e *Meta Business Suite*, monitorizando o desempenho, o envolvimento dos utilizadores e ajustando estratégias de alojamento, comunicação e impacto conforme necessário.

4.1.3 Recursos Financeiros

Do ponto de vista financeiro, o projeto assenta num modelo de financiamento híbrido que combina diferentes fontes de receita para garantir a sua viabilidade económica. O financiamento inicial será obtido através de apoios institucionais e subsídios culturais provenientes de programas municipais, nacionais e europeus, nomeadamente fundos de apoio à criação artística e programas de dinamização cultural. Paralelamente, e como já referido, será promovida uma campanha de *crowdfunding*, não só como meio de angariação de fundos, mas também como estratégia para envolver a comunidade desde a fase de desenvolvimento do projeto. A sustentabilidade financeira será ainda reforçada pela criação de *merchandising* relacionado com o documentário e com os artistas.

Devido ao volume global do orçamento (Anexo E), está prevista a mobilização de diversas fontes de financiamento, nomeadamente Direção Geral das Artes, Fundação Calouste Gulbenkian, Câmara Municipal de Sintra, Juntas de Freguesia do Município de Sintra, EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural), Europa Criativa, bem como parcerias locais e patrocínios privados. O financiamento poderá ser atribuído faseadamente, segmentando por partes específicas do projeto (produção, tecnologia, comunicação, eventos ou equipamento) de modo a garantir flexibilidade e maximizar a captação de recursos. Esta estratégia permite que o projeto seja sustentado por um consórcio plural de entidades, aumentando o seu impacto e aproximando-o das várias comunidades e públicos-alvo a que se dirige.

É ainda de reforçar que apesar de apresentarem um nível elevado de qualificação e competências técnicas, a equipa acordou colaborar praticando valores acessíveis e ajustados à realidade do território e à escala do projeto, mantendo preços reduzidos. No que diz respeito às exibições do documentário e à realização dos eventos presenciais, os espaços são cedidos pelas entidades, reduzindo significativamente os custos. Este compromisso permite garantir qualidade na execução, reforçar o envolvimento comunitário e equilibrar o orçamento, tornando o projeto sustentável.

O alojamento do *website* do projeto será garantido mesmo após o término dos financiamentos, assegurando a sustentabilidade e o acesso contínuo aos conteúdos digitais. Este compromisso será assumido pela Associação Dínamo, cuja experiência e missão em capacitação, participação e dinamização cultural de Sintra permitem que esta entidade assegure a manutenção técnica e a operacionalização do *website*, preservando o arquivo digital e promovendo o seu uso pedagógico, formativo e comunitário no futuro.

CAPÍTULO 5

5.1 Segmentação

A componente digital é pensada para alcançar utilizadores de plataformas de vídeo como o *YouTube*, bem como de redes sociais como o *Instagram* ou o *TikTok*, que valorizam conteúdos interativos e experiências imersivas. Esta segmentação permite adaptar as estratégias de comunicação e distribuição às especificidades de cada grupo, potenciando o alcance e o impacto do projeto. O seu formato híbrido do projeto permite cativar diferentes perfis de audiência. Esta diversidade de formatos assegura uma experiência acessível e envolvente, adaptada aos diferentes ritmos de apreciação.

5.1.1 A comunidade local - pessoas, artistas, organizações

O projeto destina-se a diferentes segmentos de público, articulando uma dimensão local, nacional e digital. A nível local, o foco incide nos habitantes de Sintra e arredores, nos artistas da região e associações locais culturais ou não, procurando envolver diretamente a comunidade na valorização do território e da produção artística local, principalmente a jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, que demonstram interesse por arte, cultura local e narrativas comunitárias. Este público valoriza conteúdos que explorem a relação entre identidade, território e expressão artística, procurando experiências que proporcionem reflexão e envolvimento social.

5.1.2 Entusiastas nacionais e internacionais

Num plano mais alargado, o projeto dirige-se também a um público nacional e internacional diversificado, composto por entusiastas de arte e cultura, incluindo pessoas com elevado interesse por práticas artísticas participativas, criação comunitária e experimentação estética, como também profissionais e criadores que exploram novas formas de narração, *design* digital, expansão *media* e inovação documental. Estes públicos valorizam abordagens colaborativas, processos criativos que envolvem territórios periféricos e experimentações que ultrapassam o formato clássico do documentário, dando prioridade a experiências interativas. Por meio da comunicação digital, parcerias institucionais e conteúdos adaptados para circulação internacional, o projeto aspira inserir-se em circuitos de referência e diálogo global sobre memória coletiva, arte em contexto comunitário e práticas *transmedia* inovadoras.

5.1.3 A comunidade académica

O projeto visa também alcançar investigadores e académicos interessados na cultura periférica, nas dinâmicas sociais locais e nas metodologias contemporâneas de narração *transmedia*. A

disponibilização de conteúdos e materiais em múltiplas plataformas digitais não só amplia o alcance do projeto, como cria um rico repositório que poderá ser consultado posteriormente. Ao promover uma abordagem interdisciplinar e participativa, constitui um importante recurso para o avanço dos estudos culturais, da antropologia urbana, da sociologia da arte e de outras áreas interessadas na compreensão das culturas periféricas em transformação. Desta forma, o projeto contribui para estreitar o diálogo entre prática artística e investigação académica, servindo simultaneamente a comunidade local e a comunidade científica.

5.1.4 A comunidade educativa

Para além dos públicos já referidos, o projeto assume também um forte potencial de impacto junto da comunidade educativa. A sua abordagem *transmedia* e o foco na produção artística local tornam-no uma ferramenta relevante para contextos escolares e académicos, podendo ser integrado em atividades pedagógicas formais e não formais. Num cenário em que a educação cultural continua a ocupar um lugar secundário nos currículos escolares, este projeto oferece uma oportunidade de aproximação entre as crianças e os jovens e as expressões artísticas do seu território, promovendo o pensamento crítico, a literacia visual e a valorização da diversidade cultural. O formato diversificado permite explorar diferentes formas de aprender, tornando o conteúdo acessível e apelativo a públicos escolares com perfis diversos. Assim, o projeto não só contribui para colmatar lacunas existentes na oferta educativa, como também reforça o papel da arte como agente de transformação social e comunitária.

5.1.5 Os narradores

O projeto fundamenta a sua intervenção na seleção estratégica de artistas, cujas práticas se constituem como veículos de narrativas alternativas e de resistência face à sub-representação e estigmatização da periferia. Esta curadoria assegura a autenticidade e a profundidade da representação cultural do território, articulando-se com o objetivo de construir uma memória coletiva mais inclusiva de todas as camadas da comunidade sintrense.

A componente musical é vital, veiculando aspectos cruciais da identidade diaspórica e da consciência periférica. Artistas como Julinho KSD ou Real Guns representam a fusão cultural e linguística inerente à Linha de Sintra, utilizando o *rap* e o *drill* em crioulo e português para refletir a sua realidade vivida e as suas experiências. A sua notoriedade afirma o potencial do alcance da cultura periférica para além do circuito local, desafiando a centralização cultural na capital. O trabalho de Tristany Mundu é particularmente relevante, pois explora realidades marginalizadas e a riqueza cultural da *cidade* em constante movimento, evidenciando a sua relevância em espaços legitimadores como a Fundação Calouste Gulbenkian. Libra e Nayr

Faquirá complementam esta perspetiva, oferecendo um espectro que vai do *hip-hop* consciente ao *R&B* alternativo e *soul* experimental, representando as novas gerações e a diversidade de géneros musicais no território. A inclusão de DansLaRue, Wine TKK e Yuran Salvatore procura aprofundar a cartografia do cenário musical local, garantindo uma representação abrangente do dinamismo artístico da região. O grupo de artistas visuais e multidisciplinares é fundamental para a componente *transmedia* expandida, uma vez que as suas obras se manifestam no espaço físico da Linha de Sintra e se focam na documentação ilustrativa e fotográfica. Sepher AWK concentra-se na mistura de arte urbana e digital, sendo uma peça central para o debate sobre o papel do *graffiti* como inscrição subversiva e ferramenta de infração e resistência, conforme teorizado por Armando Silva (2001). As suas intervenções exploram diretamente a responsabilidade de retratar as realidades periféricas e a relação da arte urbana com a identidade local. O fotógrafo Alex Paganelli, com projetos como "Where the city ends" e "AFROPOLITANA", foca-se no documento geográfico das periferias e na investigação da identidade afrodescendente. A sua prática alinha-se com a intenção do projeto de desafiar o discurso homogéneo e hegemónico sobre o país, sendo a sua fotografia um meio para dar visibilidade às histórias afrodescendentes em Lisboa e Sintra. A artista Adriana Santos, através do seu foco na paisagem urbanística, oferece uma dimensão à arte urbana mais centrada nos bairros e na problemática social. Por sua vez, Carolina Maya, que trabalha com fotografia, artes plásticas e instalação, encaixa-se na dimensão de dinamização e validação dos novos espaços culturais da periferia. A sua relevância é marcada por ter apresentado a sua instalação "Entrelaçados entre nós" no Ponto Kultural. Este facto é crucial porque o Ponto Kultural, situado em Algueirão-Mem Martins, emerge como um polo cultural que visa a democratização do acesso à arte no território. Carolina Maya "cruza fotografia e tapeçaria para construir composições visuais que evocam memória, pertença e a reconstrução simbólica da comunidade", na sua mais recente obra foca-se na diáspora africana ao recolher imagens, materiais e testemunhos que reforçam a ligação da comunidade ao território (Correio de Sintra, 2025). Artistas como Carolina Elis, Pendura, Stephan Arte e Ruyina garantem a diversidade nas linguagens como pintura, ilustração e instalação, essenciais para a profundidade do arquivo digital e das suas extensões, permitindo que a narrativa abranja desde as grandes intervenções em espaços comunitários até às expressões mais íntimas e de atelier.

A inclusão de membros do coletivo *Unidigrass*, enquanto coletivo artístico e artistas individuais, como Diogo "Gazella" Carvalho, Onun Trigueiros e Rappepa BeDju Tempu (para além do Sepher AWK e Tristany Mundu já mencionados) é uma escolha metodológica

que sublinha a importância da ação coletiva e da cocriação. Os *Unidigrass*, surgido na Linha de Sintra com o objetivo de promover a cultura urbana e um movimento identitário, atua como uma expressão legítima das necessidades estruturais e como um agente de transformação social. A sua participação, nomeadamente na curadoria do Ponto Kultural, demonstra a capacidade de auto-organização e de resistência da comunidade artística face à insuficiência estrutural do investimento público em cultura.

Em suma, estes artistas foram selecionados por serem os agentes centrais na construção desta memória e narrativa coletiva do território, cujas obras, ao serem documentadas e disseminadas em formato *transmedia*, contribuem para a democratização do acesso à memória cultural e para a valorização de uma identidade plural na Linha de Sintra.

5.1 Impacto Esperado

No que diz respeito aos impactos esperados, este projeto destina-se a criar um ecossistema de colaboração e troca entre artistas e a comunidade, fortalecendo laços e incentivando a criação de novas redes culturais. A valorização da arte e da cultura local pode gerar novas oportunidades para os artistas da região, enquanto contribui para o enriquecimento da experiência cultural tanto de Sintra quanto do público em geral. Além disso, a utilização de ferramentas digitais e a expansão do formato permitirá que o projeto tenha uma longevidade além do seu ciclo inicial de execução, criando uma plataforma sustentável para a divulgação e promoção da arte local.

Este projeto é uma oportunidade de promover o reconhecimento e a valorização da arte sintrense, ao mesmo tempo em que se cria uma experiência inovadora que coloca a arte no centro da vida comunitária, não apenas como um objeto de consumo, mas como um meio de transformação e reflexão coletiva. Ao fomentar a criação artística local e promover a colaboração entre agentes culturais e comunidade, o projeto contribui para a construção de uma cidadania ativa e para a redução das assimetrias territoriais. Essa abordagem acompanha tendências recentes de políticas públicas que estimulam a interligação entre dinâmicas culturais periféricas e centrais, como é o caso do programa “Arte e Periferias Urbanas”, da Direção Geral das Artes, que apoia projetos artísticos em contextos periféricos para promover inclusão social, diversidade cultural e coesão territorial. Assim, o projeto tem o potencial de criar um impacto duradouro, reforçando as redes culturais locais, ampliando o acesso à cultura e incentivando práticas inovadoras que valorizam identidades plurais e dinâmicas de resistência e reinvenção comunitária. A experiência do projeto é intensificada pela tensão inerente à urgência de reconhecer a arte como uma ferramenta de transformação social. Num contexto onde questões sociais e culturais exigem reflexão e ação, o projeto apela ao público a considerar o papel da arte como agente de mudança.

CAPÍTULO 6

6.1 Proposta de instrumento de acompanhamento e avaliação do projeto

A avaliação do impacto do projeto será desenvolvida com base em métodos participativos, considerando as diferentes partes envolvidas. Na mostra pública, na Casa da Juventude da Tapada das Mercês, será realizado um *focus group* composto por jovens, moradores, artistas e parceiros institucionais, bem como outros convidados relevantes. Este grupo permitirá avaliar a percepção da relevância e transformação promovida pelo projeto no quotidiano local, especialmente no que diz respeito à valorização da memória coletiva, sentimento de pertença, representatividade e envolvimento comunitário. O *focus group*, focado no produto final do documentário, será orientado por questões abertas, pensadas para estimular reflexão crítica e sincera: 'Consideram que a narrativa produzida reflete a diversidade e riqueza da experiência local?', 'De que forma este projeto mudou a vossa perspetiva sobre a memória local?', 'O projeto ajudou a tornar mais visível algum aspeto ou potencial da comunidade que antes era pouco reconhecido?' e 'De que forma se vê envolvido(a) em projetos futuros a partir desta experiência?'. Esta última pergunta permitirá perceber a disponibilidade do público já captado para continuar a participar nos restantes eventos previstos.

No final de todo o ciclo de eventos, serão ainda realizadas entrevistas com os artistas envolvidos para captar o impacto real da experiência do ponto de vista criativo e comunitário. Estas entrevistas não se destinam apenas a recolher reflexões superficiais, mas sim a compreender as transformações nos processos artísticos, as oportunidades de aprendizagem, os resultados da colaboração entre pares e o envolvimento com o território. Exemplos de questões para orientar estas conversas: 'Que aprendizagens pessoais ou artísticas resultam da tua participação neste projeto?', 'O que mudou na tua relação com outros artistas, parceiros locais ou públicos envolvidos?', 'De que forma este processo afetou o teu olhar sobre o território e sobre as narrativas que podem emergir da periferia?', 'Surgiram oportunidades ou desafios inesperados?', 'De que forma esta experiência influencia a tua prática artística futura ou o teu compromisso com projetos comunitários?', 'Tendo em conta todo o projeto, o que gostariam de ver melhorado ou expandido?', 'Sentiste-te representado(a) no produto final?'. Estas entrevistas serão realizadas individualmente e/ou em pequenos grupos, com registo áudio ou vídeo, permitindo aprofundar dimensões à partida invisíveis da avaliação e recolher sugestões para futuros ciclos de criação e documentação artística e comunitária. A análise dos testemunhos irá, assim, contribuir para compreender não só o impacto imediato, mas também o potencial de continuidade e transformação decorrente da iniciativa.

No que diz respeito à avaliação da distribuição, além de um *QR code* para recolha de opiniões rápidas sobre a satisfação geral do documentário no final das suas exibições, serão utilizados indicadores adicionais, como o número de visualizações e partilhas nas plataformas digitais, monitorização de comentários ou reações em redes sociais ou páginas do projeto e registo do número de presenças físicas nas mostras e eventos. Poderá ainda ser promovida uma pequena sondagem digital nas plataformas digitais, para perceber o grau de disseminação, acessibilidade e relevância percebida do projeto. Estes métodos proporcionarão uma visão realista e robusta sobre o alcance, pertinência e potencial transformador da iniciativa, sustentando o seu desenvolvimento futuro a partir de dados concretos e testemunhos qualitativos.

A aplicação de um inquérito para avaliar a usabilidade e utilidade do projeto será uma etapa fundamental no processo de avaliação do impacto na comunidade académica. Este inquérito irá recolher percepções dos alunos e docentes sobre a facilidade de utilização das plataformas digitais, qualidade dos conteúdos e impacto na pesquisa das áreas trabalhadas.

Para a comunidade educativa, será um pouco mais simples, mas também um instrumento-chave para analisar eventuais mudanças nas atitudes, competências digitais e envolvimento dos alunos com a arte e cultura, permitindo monitorizar o valor pedagógico do projeto e orientar futuras melhorias.

CAPÍTULO 7

7.1 Reflexões Finais

A concretização do projeto "*Entre Muros e Ruas*" demonstrou a pertinência estratégica da abordagem *transmedia* para responder a problemáticas socioculturais complexas, como a invisibilidade da produção artística em territórios periféricos. Ao invés de uma mera adaptação de conteúdo, o projeto articulou a narrativa central do documentário com extensões concebidas para aprofundar a experiência do público e garantir que estas acrescentem novas camadas de significado e experiências ao universo. O *design* da experiência, que integra plataformas digitais e eventos presenciais, permite criar múltiplos pontos de entrada na narrativa, adaptando-se a públicos diversos, desde jovens locais a entusiastas internacionais e à comunidade académica. A maior contribuição deste trabalho reside no seu papel ativo na construção e legitimação da memória coletiva da Linha de Sintra. O processo de documentação das práticas artísticas é fundamental para garantir que estas referências culturais se integrem nos "quadros sociais" da memória, promovendo uma representação positiva e plural que se contrapõe às narrativas hegemónicas.

A sustentabilidade e longevidade do projeto foram asseguradas, em parte, pelo compromisso da Associação Dínamo em apoiar antes, durante e após o desenvolvimento do projeto, um aspeto crucial que permitirá que o arquivo digital permaneça acessível, reforçando o uso pedagógico, informativo e comunitário do conteúdo no futuro.

A natureza ambiciosa do projeto trouxe consigo desafios metodológicos e operacionais que merecem reflexão. A nível teórico, a própria multiplicidade de definições em torno do conceito de *transmedia storytelling* contribuiu para uma fragmentação teórica, levantando o risco de dispersão e incoerência na sua aplicação prática. A nível operacional, a integração de múltiplas plataformas e linguagens exige uma coordenação rigorosa entre as diferentes equipas, bem como uma gestão eficiente de recursos financeiros e humanos para apoiar os vários formatos. Adicionalmente, o projeto confrontou-se com o contexto cultural de Sintra, marcado pela escassez de espaços de visibilidade, oportunidades de financiamento e reconhecimento para artistas da periferia, bem como pelo baixo investimento municipal em cultura, o que realça a dependência do projeto em relação a diversas fontes de financiamento.

Por fim, o projeto estabelece uma base robusta para futuras expansões e investigações. Em termos de pesquisa-ação, a metodologia *transmedia* e os processos de cocriação participativa podem ser replicados e expandidos para outras regiões, contribuindo para a valorização de outras identidades plurais em contextos periféricos. Para aprimorar o projeto, existe potencial

para a inclusão de novos artistas e a exploração de outras formas de arte em Sintra, mantendo a experiência dinâmica ou a expansão para outras plataformas. As entrevistas finais com os artistas e a avaliação qualitativa realizada com *focus groups* fornecerão ainda sugestões que deverão ser integradas em futuros ciclos de criação e documentação, orientando a incorporação de novas formas narrativas e tecnológicas para manter a relevância do projeto ao longo do tempo.

O projeto não se limita a registrar, ele incentiva a reflexão coletiva sobre o papel social da arte e estimula a criação de uma comunidade ativa, consolidando-se como um modelo replicável para a valorização de identidades plurais em contextos periféricos.

Referências Bibliográficas

- Barata-Salgueiro, T. (2023). Geografia e Geógrafos: Temas e Reflexões. Breve Antologia. Associação Portuguesa de Geógrafos.
- Câmara Municipal de Sintra. (21 de maio de 2025). Câmara de Sintra reforça apoios à cultura com novo investimento. Obtido de CM-Sintra: <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/camara-de-sintra-reforca-apoios-a-cultura-com-novo-investimento>
- Correio de Sintra. (10 de setembro de 2025) Carolina Maya apresenta “Entrelaçados entre nós” no Ponto Kultural. Obtido de Correio de Sintra: <https://correiodesintra.pt/2025/09/10/carolina-maya-apresenta-entrelacados-entre-nos-no-ponto-kultural/>
- D'Andrea, T. (janeiro-abril de 2020). Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. Novos Estudos, pp. 19-36.
- Domingues, Á. (1995). Suburbios e (sub)urbanos: o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, 11, 5-18.
- Gambarato, R. R. (2013). Transmedia Project Design: Theoretical and Analytical Considerations. I, pp. 81-100.
- Gaudenzi, S. (2013). The Living Documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary. *Tese de Doutoramento*.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Green, C. (outubro de 2019). Social Memory -Narrating the past through time and space.
- Halbwachs, M. (2023). *Os Quadros Sociais Da Memória*. (A. Fontoura, Trad.) Curitiba: antoniofontoura.
- Hall, S. (2006). Comunicação & Cultura. *Identidade cultural e diáspora(I)*, 21-35. (R. Afonso, Trad.)
- Instituto Nacional de Estatística. (2024). *Retorno de Informação aos respondentes Municípios*.
- Jenkins, H. (21 de março de 2007). *Transmedia Storytelling 101*. Obtido de Pop Junctions: https://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia_storytelling_101.html
- Jenkins, H. (12 de dezembro de 2009A). *The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling (Well, Two Actually. Five More on Friday)*. Obtido de Pop Junctions: http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html
- Kenny, M. G. (jul de 1999). A Place for Memory: The Interface between Individual and Collective History. *Comparative Studies in Society and History*, 41(3), 420-437.
- Long, G. A. (2007). Transmedia Storytelling: Business, Aesthetics and Production at the Jim Henson Company. *Master Thesis*.
- Loria, L. (jan-jun de 2016). O contradiscurso cultural das periferias de Lisboa.

VISUALIDADES, 14(1), 172-187.

Participatory Art for Social Impact (PASI) Framework. (s.d.). Obtido de PASI framework: <https://pasiframework.com/>

Paz, A. (dezembro de 2017). Documentário interativo e estratégia de impacto social. pp. 81- 108.

PORDATA. (2024). *População residente por sexo e grupo etário*. Obtido de https://www.pordata.pt/pt/estatisticas/populacao/populacao-residente/populacao-residente-por-sexo-e-grupo-etario?_gl=1*ep7tho*_up*MQ..*ga*NzEyMjIyMDEuMTc2MTg1MTE2MA..*ga_HL9EXBCVBZ*czE3NjE4NTExNTkkbzEkZzAkdDE3NjE4NTExNTkkajYwJGwwJ Ggw

Scolari, C. A. (2009). Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding. pp. 586-606.

Silva, A. (2001). *Imaginários Urbanos*. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva.

Soares Neves, J., Santos, J., Macedo, S., & Lima, M. (2024). *Atlas Artístico e Cultural de Portugal*.

UNESCO. (s.d.). *Cultural Landscape of Sintra*. Obtido de UNESCO World Heritage Convention: <https://whc.unesco.org/en/list/723/>

Wetzel, D. J. (2020). Maurice Halbwachs -. Obtido de https://www.academia.edu/26738548/Maurice_Halbwachs_Collective_Memory_and_Forgetting

Anexos

Anexo A - Lista de artistas a serem entrevistados

Nome	Expressão Artística
Adriana Santos	Artes Plásticas, Instalação, Fotografia
Alex Paganelli	Fotografia
Carolina Elis	Pintura, Instalação
Carolina Maya	Fotografia, Artes Plásticas
DansLaRue	Música
Diogo “Gazella” Carvalho	Ilustração, Cinema, Instalação
Julinho KSD	Música
Libra	Música
Nayr Faquirá	Música
Onun Trigueiros	Ilustração, Instalação
Pendura	Ilustração, Pintura
Rappepa BeDju Tempu	Ilustração, Instalação, Pintura
Real Guns	Música
Ruyina Atelier	Ilustração, Instalação
Sepher AWK	Ilustração, Instalação
Stephan Arte	Ilustração, Pintura
Tristany Mundu	Música, Artes Visuais, Instalação
Wine TKK	Música
Yuran Salvatore	Música

Fonte: elaboração própria.

Anexo B - Guião da entrevista ao artista Sepher AWK

Pergunta 1: Os teus murais dialogam frequentemente com questões identitárias e sociais da periferia. Que responsabilidades sentes ao retratar estas realidades, e como equilibras expressão pessoal e impacto comunitário?

Pergunta 2: Como entendas o papel da arte urbana na construção de uma identidade local, especialmente comparando o centro histórico de Sintra com as zonas urbanas?

Pergunta 3: Que papel atribuis à participação da comunidade, nomeadamente crianças e jovens, na construção das tuas peças e no seu significado coletivo?

Pergunta 4: Podes falar-nos um pouco sobre o trabalho que apresentas no projeto *Emblematika Linha*?

Pergunta 5: Em que te baseaste, no que pensaste, que mensagem pretendes passar com o teu mais recente projeto *Tipo Tubasa*?

Pergunta 6: Pintar em Sintra é diferente de pintar em Lisboa ou na Penha de França. Que aspectos tens em conta para a conceção de um trabalho, tendo em atenção o meio onde o mesmo vai estar inserido?

Pergunta 7: Dos vários trabalhos que fizeste na Linha de Sintra qual é o que melhor te representa e porquê?

Pergunta 8: És aquilo a que se pode chamar um "artista estabelecido" já com um vasto portfólio de trabalho desenvolvido ao longo dos últimos anos. Este meio tem mudado bastante, havendo uma multiplicação de eventos de arte urbana, assim como uma maior aceitação desta expressão artística. Como tens vivido esta mudança? Achas que corremos o risco de banalizar e saturar o meio?

Pergunta 9: O coletivo Unidigrass tem vindo a afirmar-se na Linha de Sintra como espaço de colaboração artística. Como surgiu essa dinâmica coletiva e que importância tem para ti no desenvolvimento do teu percurso?

Pergunta 10: Sintra tem iniciativas culturais, mas a programação municipal raramente reflete as linguagens urbanas. Achas que há abertura para este tipo de expressão artística ou ainda prevalece alguma resistência? Tens notado alguma diferença?

Pergunta 11: O que ainda te inspira no território e que temas gostarias de abordar em futuras criações?

Fonte: elaboração própria.

Anexo C - Calendarização do projeto

	Nos 12 meses anteriores	Nos 6 meses anteriores	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Nos 6 meses seguintes
Formação da equipa															
Elaboração da lógica transmedia															
Elaboração do plano estratégico															
Elaboração do orçamento final															
Procura de financiamento															
Mapeamento territorial															
Estruturação das entrevistas															
Marcação e Preparação das Entrevistas															
Gravações das entrevistas															
Gravações de outros conteúdos															
Desenvolvimento da aplicação móvel (D) e Testes (T)										D		T			
Desenho do Plano de Comunicação															
Mapeamento (M) e Definição (D) de parceiros	M	D													
Desenvolvimento (D) e publicação dos conteúdos digital (P)								D				P			
Preparação logística para os															

Fonte: elaboração própria

Anexo D – Mapeamento de entidades locais relevantes

Entidades	Descrição
Coletivo Unidigrazz	<p>“O colectivo Unidigrazz surgiu em 2018, cujos membros incluem, Tristany, Onun Trigueiros, Diogo "Gazella" Carvalho, Sepher AWK e Rappepa BeDju Tempu. Criado na Linha de Sintra. No último par de anos, uma série de artistas multidisciplinares da zona de Mem Martins – fotógrafos, ilustradores, realizadores, graffiti writers – deram o mote a um coletivo cultural urbano que promove práticas artísticas de artistas emergentes do concelho de Sintra, possibilitando a criação de um movimento identitário e representativo, fomentando a mudança social: na formação cultural e social, na promoção de eventos culturais, de intercâmbios nacionais e internacionais para projeção da cultura urbana emergente.”⁹</p>
Associação Cultural Claraboia	<p>“A Claraboia é uma associação cultural que tem como objetivo a promoção de artistas emergentes no Concelho de Sintra. Desde 2021 a Claraboia tem organizado eventos nas áreas do cinema, artes visuais, literatura e música. Os eventos dão espaço para novos artistas de dentro e de fora do concelho mostrarem os seus trabalhos e dialogarem com o público.”¹⁰</p>
Associação Cultural Narrativa Aleatória	<p>“A Narrativa Aleatória nasceu da vontade de um grupo informal de jovens desenvolver no seio da sua comunidade uma cultura de valorização da educação, das artes e do bem-estar social comum. Essa vontade resultou na criação do Festival Aqui ao Lado, em 2018. A 22 de fevereiro de 2019 é fundada a Narrativa Aleatória – Associação Cultural, uma associação cultural e juvenil, reconhecida pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ).”¹¹</p>
Teatro Mosca	<p>“O teatromosca é uma companhia de teatro fundada em Sintra em 1999. Tem procurado diversificar e consolidar essa rede, envolvendo parceiros e coprodutores em todo o processo de criação dos projetos, através da sua participação em diferentes fases. Ao</p>

⁹ <https://www.unidigrazz.com/sobre/>

¹⁰ <https://claraboiasintra.pt/>

¹¹ <https://www.narrativa-aleatoria.com/sobre>

	mesmo tempo que procura servir um circuito nacional e internacional de intercâmbio de projetos, a companhia pretende trazer para Sintra outros projetos e estruturas com quem se tem cruzado, com quem tem colaborado ou com quem tem afinidades artísticas. Desde 2017, é responsável pela gestão e programação do AMAS – Auditório Municipal António Silva, no Cacém, espaço com capacidade para 180 espetadores.” ¹² ¹³
Associação Bicartes	“Um grupo de amigos e jovens artistas que tentam mostrar que não é apenas na grande metrópole Lisboa que existe expressão artística, mas que também os subúrbios transbordam cultura e vontade de ser. De Sintra a Queluz tentamos mostrar um pouco do panorama cultural e artístico desta zona a qual chamamos casa.” ¹⁴
TeatroCorrente	“O TeatroCorrente - Associação Cultural surge em 2018 enquanto grupo informal quando foi realizada a primeira criação de Maria Toscano, intitulada de “Transposto”. Esta criação contou com récitas de 2019 a 2021 no teatromosca, Festival Aqui ao Lado, Associação MIAU e Recreios da Amadora. Desenvolveu trabalho na antiga Fábrica MELKA no Cacém, onde em 2020 realizou workshops com a comunidade, com apoio da Câmara Municipal de Sintra. “POESIS BASSUS” (2022) um teatro/concerto foi a sua segunda criação e “Black Box” (2023) contou com estreia em janeiro, no espaço devoluto, o Mercado Municipal da Tapada das Mercês e com restantes récitas no teatromosca em março do mesmo ano.” ¹⁵
Associação de Moradores da Tapada das Mercês	“Face a todas estas questões e à evidente inércia quer do urbanizador, quer das entidades responsáveis, nomeadamente Junta de Freguesia e Câmara Municipal de Sintra, sentiram necessidade, um grupo de moradores, juntamente com o programa K’CIDADE e a Associação Islâmica da Tapada das Mercês, de se organizarem para tentarem resolver os problemas mais prementes desta Urbanização. Assim, em 12 de Março de 2011, foi dado o primeiro passo – sempre e defendendo um cariz completamente apartidário

¹² <https://www.dgartes.gov.pt/pt/entidade/5815>

¹³ <https://teatromosca.weebly.com/>

¹⁴ <https://www.instagram.com/bicartes.cultura>

¹⁵ <https://teatrocorrente.weebly.com/sobre-noacutes.html>

	- , numa reunião realizada na Casa da Juventude, para que se começasse a dinamizar todo este processo. Em 9 de Abril do mesmo ano, foram criados seis grupos de voluntários, para trabalharem em áreas distintas e específicas.” ¹⁶
Fundação Aga Khan Portugal (Sintra)	“A Fundação Aga Khan Portugal (AKF) é uma agência da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (AKDN) que reúne um conjunto de organizações lucrativas e não lucrativas, as quais trabalham para a melhoria das condições e da qualidade de vida das populações mais vulneráveis, sobretudo em África e na Ásia, independentemente da sua origem, género ou religião. Cada agência executa o seu próprio mandato e todas elas trabalham em conjunto dentro da Rede para que as suas diferentes atividades interajam e se reforcem mutuamente. As intervenções são desenhadas para acrescentar valor e massa crítica ao desenvolvimento económico, social e cultural de cada região, tanto em meios rurais, como em áreas urbanas.” ¹⁷
Jangada d’Emoções	A Jangada d’Emoções é uma associação sediada em Tapada das Mercêsque opera com foco comunitário, cultural e de apoio à família. A associação teve origem num grupo informal denominado “Clube das Mulheres” da Tapada das Mercês, onde se promoviam encontros comunitários, artesanato, dança, teatro, recolha de alimentos e tertúlias. ¹⁸
Associação Islâmica da Tapada das Mercês	“Fundada em 2007 e constituída IPSS desde 2012, A Associação A Comunidade Islâmica da Tapada das Mercês e Mem Martins tem como missão promover a inclusão, o apoio social e comunitário e divulgar a cultura islâmica, por meio de atividades dirigidas a toda a população residente em Portugal, independentemente do género, etnia, origem, religião, idade ou condição social.” ¹⁹
Câmara Municipal de Sintra	A Câmara Municipal de Sintra é o órgão executivo do município e tem por missão definir e executar políticas que promovam o desenvolvimento do Concelho em diferentes áreas. ²⁰

¹⁶ <https://amtmerces.wixsite.com/amtmerces/projects>

¹⁷ <https://the.akdn.pt/recursos-e-media/recursos/publica%C3%A7%C3%A3o/funda%C3%A7%C3%A3o-agakhan-portugal>

¹⁸ <https://www.instagram.com/j.emocoestdm/>

¹⁹ <https://acitmmm.org/>

²⁰ <https://cm-sintra.pt/>

Juntas de freguesia do Município de Sintra	O concelho de Sintra é composto por 11 freguesias, sendo elas: Agualva e Mira-Sintra, Algueirão-Mem Martins, Almargem do Bispo, Pêro Pinheiro e Montelavar, Cacém e São Marcos, Casal de Cambra, Colares, Massamá e Monte Abraão, Queluz e Belas, Rio de Mouro, São João das Lampas e Terrugem, e a União das Freguesias de Sintra (que inclui as antigas freguesias de Santa Maria e São Miguel, São Martinho e São Pedro de Penaferim).
Plataforma Cultura em Linha	“O projeto Em Linha tem, numa fase inicial, incidência em três zonas da Linha de Sintra – Mem-Martins, Queluz e Serra das Minas. (...) Fazendo a coligação entre a cultura, o pouco tempo da população e a falta de iniciativas culturais nestas áreas. Em Linha, tem como objetivo a criação de diversas atividades/workshops das várias áreas artísticas, criando uma linha de iniciativas que abraça estas zonas, promovendo a cultura e as artes.” ²¹
Associação Pangue D’Ami (Jipangue)	É uma associação com atuação na região de Rio de Mouro, Serra das Minas. Afirmam-se como associação juvenil que promove cultura, expressões artísticas, diálogo comunitário e iniciativas para a juventude. Organizam eventos culturais de visibilidade local, como o “Festival SDM Cultura e Artes”, que reúne música, dança, exposições, oficinas, feira de artesanato e expressões artísticas diversas. ²²
Sintra Friendly+	Coletivo Juvenil LGBTIQA+ de Sintra e Apoiantes, uma rede de apoio para jovens LGBTIQA+. ²³
PEM- Pendão em Movimento	É um espaço comunitário localizado em Queluz-Belas, com gestão partilhada entre várias organizações e grupos locais, que oferecem diversos projetos com foco comunitário e cultural. ²⁴
Kubata – Casa de Potencialização Artística	“Casa de Potencialização Artística na Linha de Sintra, cujo objetivo é atuar enquanto agente cultural gerido por e para esta enorme periferia. Um espaço de criação e residência voltado para: 1) artistas emergentes desta região metropolitana específica, em primeira instância; 2) artistas da África Global, em segunda

²¹ https://www.instagram.com/em_linha/

²² <https://www.instagram.com/jipangue>

²³ <https://www.instagram.com/sintrafriendly/>

²⁴ https://www.instagram.com/pendao_em_movimento/

	instância, tendo em conta a densidade populacional negra que há no local.” ²⁵
MUSGO Produção Cultural	“A MUSGO é uma estrutura de criação teatral fundada em Sintra, em 2012. Tem um apoio anual da Câmara Municipal de Sintra, da Fundação Cultursintra e da Junta de Freguesia de Rio de Mouro.” ²⁶
Rede Cultural de Sintra	Plataforma de apoio à divulgação e empoderamento das associações e agentes culturais de Sintra. ²⁷
Fundação CulturSintra	“A Fundação CulturSintra FP foi instituída pelo Município de Sintra em escritura pública de 7 de novembro de 1996. Atualmente, é uma fundação pública de direito privado, tendo por fim a promoção da Cultura e por objeto a criação, o desenvolvimento, o acolhimento e a divulgação da Cultura no Município de Sintra, assegurando, ainda, o incremento do acesso aos bens culturais por parte das populações e demais interessados no respetivo processo cultural.” ²⁸
Ponto Kultural	“Ponto Kultural é um centro de criação e investigação artística em Algueirão-Mem Martins, uma das freguesias mais populosas do país, que cresceu durante anos sem um espaço de cultura. Sob a curadoria do coletivo Unidigrazz, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, a Junta de Freguesia local e a Câmara Municipal de Sintra, é um espaço que nasce, assim, “com o objetivo de democratizar o acesso à arte e promover a produção cultural no território da Linha de Sintra.” A partir de residências e outros projetos artísticos, a casa apresenta as criações que ali têm lugar com uma periodicidade estimada de três meses.” ²⁹ ³⁰
Auditório Municipal António Silva (AMAS)	“O AMAS é uma sala de espetáculos municipal, atualmente programada pelo teatromosca, companhia de teatro fundada em Sintra em 1999. Este equipamento cultural tem uma programação regular de teatro, dança, música, ações de formação e pode ainda

²⁵ <https://www.instagram.com/kubata.casa/>

²⁶ <https://musgo.org.pt/>

²⁷ <https://www.instagram.com/redeculturaldesintra/?hl=pt>

²⁸ <https://www.regaleira.pt/pt/fundacao-cultursintra>

²⁹ <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/arte/ponto-kultural>

³⁰ <https://www.instagram.com/pontokultural/>

	ser cedido para eventos organizados por entidades públicas e privadas.” ³¹
Casa da Cultura Lívio de Moraes	“Inaugurada em junho de 2008, a Casa da Cultura Lívio de Moraes – então com o nome Casa de Cultura de Mira Sintra – é hoje um marco de referência cultural na União das Freguesias de Agualva e Mira Sintra, na cidade de Agualva-Cacém e no próprio Concelho de Sintra.” ³²
Centro Cultural Olga Cadaval	“O Centro Cultural Olga Cadaval insere-se no programa de revitalização cultural do país em que a vertente de recuperação dos espaços cénicos existentes é de extrema importância. Neste caso específico a recuperação deste edifício tornou-se ainda mais primordial na ascensão de Sintra a Património Mundial da UNESCO.” ³³
Casa da Juventude da Tapada das Mercês	A Casa da Juventude é um espaço da Câmara Municipal de Sintra, concebido para conciliar o lazer e a formação, tendo disponíveis as seguintes valências: Centro de Documentação Técnico/Temático, Centro de Informática/Internet, Ponto de Encontro, Sala multiusos e átrio que permite a realização de variadas iniciativas que necessitem de espaço para uma maior interação entre os participantes, realização de workshops, danças e atividades desportivas. ³⁴
Agrupamentos de Escolas	Sedeados no Município de Sintra, como o Agrupamento de Escolas Visconde Juromenha ³⁵ ou o Agrupamento de Escolas de Mem-Martins. ³⁶

Fonte: elaboração própria e referências em rodapé.

³¹ <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/espacos-culturais-auditorios/auditório-municipal-antonio-silva>

³² <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/espacos-culturais-auditorios/casa-da-cultura-livio-de-moraes>

³³ <https://cm-sintra.pt/actualidade/cultura/espacos-culturais-auditorios/centro-cultural-olga-cadaval>

³⁴ <https://cm-sintra.pt/actualidade/juventude/equipamentos>

³⁵ <https://wp.aevjuromenha.com/>

³⁶ <https://www.aememmartins.pt/>

Anexo E - Orçamento do projeto

Rubrica	Caracterização	Valor (€)
Produção do documentário	Equipa técnica, honorários dos artistas, captação e edição de vídeo e som, deslocações e alimentação	5000
Desenvolvimento da aplicação digital	Equipa, <i>design</i> , alojamento	10000
Marketing e comunicação	Design	650
	Anúncios em redes sociais	2000
	<i>Mupis/Cartazes</i>	3000
	<i>Flyers</i>	1500
	Assessoria e Imprensa	1000
Material audiovisual e técnico	Aluguer de câmeras digitais	2500
	Aluguer de câmera analógica	200
	Rolos + Material para revelação	250
	Aluguer de <i>drone</i> (2 dias de filmagem aérea)	500
	Aluguer de microfones de lapela e ambiente	300
	Aluguer de Iluminação	100
	Armazenamento	100
	Outros acessórios	250
Logística de eventos presenciais	Equipa, honorários e alimentação	1500
Desenvolvimento e manutenção do website	Equipa, <i>design</i> , alojamento	2000
Total		30850

Fonte: elaboração própria com base nos orçamentos solicitados

Anexo F - Cartaz horizontal do documentário “Entre Muros e Ruas”



Fonte: elaboração própria

Anexo G - Proposta de website do projeto “Entre Muros e Ruas”



Fonte: elaboração própria